

**esec**

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

---



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE COIMBRA

**Departamento de Artes e Tecnologias**

# A Música como Agente Neutralizante de Comportamentos Desviantes

Carmen Elisabete Silva Costa Braz

Coimbra

2010

**Departamento de Artes e Tecnologias**

**A Música como Agente Neutralizante de  
Comportamentos Desviantes**

Carmen Elisabete Silva Costa Braz

Júri:

Presidente – Professora Doutora Amparo Carvas  
Arguente - Professora Doutora Maria de Lurdes Cró  
Orientador - Mestre Avelino Correia

Coimbra  
2010

**Resumo:**

A crescente desmotivação manifestada pelos alunos, foi a principal razão para o desenvolvimento deste trabalho, no contexto do projecto investigação-acção, tendo como objecto de estudo três turmas do ensino básico.

Na tentativa de alterar os comportamentos, de melhorar a auto-estima e motivar os alunos para as práticas lectivas, foram aplicadas técnicas baseadas na aprendizagem cooperativa e colaborativa, valorizando as práticas performativas.

O trabalho foi conduzido tendo em conta os aspectos psicológicos da música, uma vez que a motivação é uma componente da dimensão afectiva e está directamente relacionada com os estímulos que provocam o interesse nos alunos por aprender ou realizar determinada actividade. Os métodos de ensino-aprendizagem aplicados na aula devem ser apropriados aos conteúdos a leccionar e promover as competências através da construção do conhecimento.

As técnicas baseadas na aprendizagem colaborativa e cooperativa têm como objectivo os alunos trabalharem em conjunto para maximizarem os seus conhecimentos e o dos seus pares. O resultado da aplicação destas técnicas é a concretização da tarefa através da qual o aluno construiu e consolidou o seu conhecimento. O topo do trabalho desenvolvido é a apresentação performativa, pois o aluno vai revelar um conjunto de comportamentos aprendidos para concretizar o desafio.

**Palavras – chave:**

Investigação-acção, motivação, comportamentos desviantes, auto-estima, meta-cognição e afectividade, técnicas cooperativas e colaborativas, performance.

**Abstract:**

The growing lack of motivation shown by students was the main reason for carrying out this work. The project was developed within an investigation-action context and had three basic education classes as the object of study.

In order to try to change students' behavior, to improve their self-esteem and to try to motivate them in class and school activities, cooperative and collaborative techniques were applied and performative practice was given more value.

Considering that motivation is a component of the affective dimension and also that it is directly related with the stimuli that provokes students' interest in learning or in doing a certain activity, the present work was conducted with the psychological aspects of music in mind. The teaching-learning methods applied in class should be related with teaching contents and should promote competencies through knowledge construction.

The objective of collaborative and cooperative based learning techniques is to get students working together in order to maximize their own knowledge as well as their colleagues'. The result of the application of these techniques is seen by the achievement of the task through which students construct and consolidate their own knowledge. The most important part of the work is the presentation, as it is precisely here that students reveal a set of behavior(s) to carry out the challenge.

**Keywords:**

Action-investigation, motivation, deviating behaviour, self-esteem, meta-cognition and affection, collaborative and cooperative techniques, performance.

## Índice

Introdução.....	1
I parte.....	3
Fundamentação teórica.....	3
1 – Investigação - Acção .....	5
2 - Os aspectos psicológicos da Música .....	7
3 – Meta-cognição e afectividade.....	8
4 - Motivação .....	9
5 - Método de aprendizagem cooperativa e colaborativa.....	12
6 - Processos performativos .....	14
II Parte .....	16
Implementação do projecto .....	16
1 – Caracterização da Escola, do meio envolvente e das turmas .....	17
2 - Metodologias de suporte à implementação do projecto.....	18
3 - Introdução ao Módulo 1 .....	19
3.1 – Planificação do Módulo 1 para o 3ºano.....	20
3.1.1 – Relatório e materiais da Sessão nº1 – 26/11.....	21
3.1.2 – Relatório e materiais da Sessão nº 2 – 03/12.....	24
3.1.3 – Relatório da Sessão nº 3 – 10/12 .....	26
3.1.4 – Relatório da Sessão nº 4 – 15/12 .....	26
3.1.5 – Relatório da Sessão nº 5 – 17/12 .....	26
3.2 – Planificação do módulo 1 para o 5º ano .....	27
3.2.1 – Relatório e materiais da Sessão nº 1 – 26/11.....	28
3.2.2 – Relatório e materiais da Sessão nº 2 – 03/12.....	29
3.2.3 – Relatório e materiais da Sessão nº 3 – 10/12.....	33
3.2.4 – Relatório da Sessão nº 4 – 17/12 .....	34
3.3 – Planificação do módulo 1 para o 6ºano .....	35
3.3.1 – Relatório e materiais da Sessão nº 1 - 19/11 .....	36
3.3.2 – Relatório e materiais da Sessão nº 2 – 24/11.....	37
3.3.3 – Relatório e materiais da Sessão nº 3 – 26/11.....	39
3.3.4 – Relatório da Sessão nº 4 – 03/12 .....	39
3.3.5 – Relatório da Sessão nº 5 – 10/12 .....	40

3.3.6 – Relatório da Sessão nº 6 – 15/12 .....	40
3.3.7 – Relatório da Sessão nº 7 – 17/12 .....	40
3.4 – Reflexão final do Módulo 1 .....	41
4 - Introdução ao Módulo 2.....	41
4.1 – Planificação do Módulo 2 para o 3º ano.....	42
4.1.1 – Relatório e materiais da Sessão nº 1 -23/02 .....	43
4.1.2 – Relatório e materiais da Sessão nº 2 – 25/02.....	45
4.1.3 – Relatório da Sessão nº 3 – 02/03 .....	46
4.1.4 – Relatório da Sessão nº 4 – 04/03 .....	46
4.1.5 – Relatório da Sessão nº 5 – 09/11 .....	47
4.1.6 – Relatório da Sessão nº 6 – 11/03 .....	47
4.1.7 – Relatório e materiais da Sessão nº 7 – 16/03.....	47
4.1.8 – Relatório da Sessão nº 8 – 18/03 .....	49
4.2 – Planificação do módulo 2 para o 5º ano .....	50
4.2.1 – Relatório e materiais da Sessão nº 1 – 25/02.....	51
4.2.2 – Relatório e materiais da Sessão nº 2 – 04/03.....	53
4.2.3 – Relatório e materiais da Sessão nº 3 – 11/03.....	54
4.2.4 – Relatório da Sessão nº 4 – 18/03 .....	55
4.3 – Planificação do módulo 2 para o 6º ano .....	56
4.3.1 – Relatório e materiais da Sessão nº 1 – 23/02.....	57
4.3.2 – Relatório da Sessão nº 2 – 25/02 .....	60
4.3.3 – Relatório da Sessão nº 3 – 02/03 .....	60
4.3.4 – Relatório da Sessão nº 4 – 04/03 .....	61
4.3.5 – Relatório e materiais da Sessão nº 5 – 09/03.....	61
4.3.6 – Relatório da Sessão nº 6 – 11/03 .....	64
4.3.7 – Relatório da Sessão nº 7 – 16/03 .....	64
4.3.8 – Relatório da Sessão nº 8 – 18/03 .....	64
4.4 – Reflexão final do Módulo 2 .....	65
5 - Introdução ao Módulo 3:.....	65
5.1 – Planificação do módulo 3 para o 3º ano .....	66
5.1.1 – Relatório e materiais da Sessão nº 1 – 04/06.....	67
5.1.2 – Relatório e materiais da Sessão nº 2 – 08/06.....	68
5.1.3 – Relatório da Sessão nº 3 - 15/06.....	70
5.1.4 – Relatório da Sessão nº 4 - 17/06.....	70

5.2 – Planificação do módulo 3 para o 5º ano .....	71
5.2.1 – Relatório e materiais da Sessão nº 1 – 20/05.....	72
5.2.2 – Relatório e materiais da Sessão nº 2 - 27/05 .....	74
5.2.3 – Relatório da Sessão nº 3 - 03/06.....	75
5.2.4 – Relatório da Sessão nº 4 - 17/06.....	75
5.3 –Planificação do Módulo 3 para o 6º ano: .....	76
5.3.1 – Relatório e materiais da Sessão nº 1 – 20/05.....	77
5.3.2 – Relatório da Sessão Nº 2 - 25/5.....	78
5.3.3 – Relatório e materiais da Sessão nº 3 - 01/06 .....	78
5.3.4 – Relatório e materiais da Sessão nº 4 - 02/06 .....	79
5.3.5 – Relatório da Sessão nº 5 – 04/06.....	81
5.3.6 – Relatório e materiais da Sessão nº 6 – 08/06.....	81
5.3.7 – Relatório da Sessão nº 7 – 15/06.....	83
5.3.8 – Relatório da Sessão nº 8 - 17/06.....	83
5.4– Reflexão final do Módulo 3 .....	83
6 - Conclusão.....	85
Bibliografia Geral.....	87

“A Educação será para e pela Criança, devendo ser ela o centro de todo o esforço pedagógico, o princípio e o fim de todos os esforços e de todos os actos educativos” (Sousa, 2003)

## Introdução

O trabalho que se apresenta, no contexto do desenvolvimento do projecto de investigação-acção exigido pela disciplina de Prática Pedagógica do segundo ano do curso de Mestrado de Ensino de Educação Musical do Ensino Básico, foi implementado na Escola EB 2,3 de Lagares da Beira, sendo objecto de estudo a actuação de três turmas distribuídas pelos 3.º, 5.º e 6.º anos de escolaridade correspondentes aos 1.º e 2.º Ciclos.

As razões que levaram ao interesse pelo presente estudo prenderam-se, principalmente, com o facto de se ter verificado nas práticas pedagógicas, ao nível dos dois ciclos, uma situação clara de crescente desmotivação/desinteresse. O 1.º Ciclo, não apresentando significativos níveis de desinteresse ou desmotivação, entra no estudo pela necessidade de melhor observar a diacronia dos aspectos comportamentais. O 5.º ano, nível de entrada no 2.º Ciclo, iniciando com clara curiosidade e expectativa, transforma progressivamente estes valores em níveis de desinteresse consideráveis<sup>1</sup>. O 6.º ano, final do 2.º Ciclo, revela na sua maioria um manifesto desinteresse não pela música em si, mas pela sua prática ao nível da disciplina de Educação Musical. Pelo que se percebeu, na observação prévia para fundamento do estudo, os níveis de desmotivação eram comuns a outras áreas disciplinares levando, por consequência, a comportamentos pouco propiciadores de uma aprendizagem com sucesso.

Pelo observado, e na tentativa de alterar positivamente os comportamentos, pretende-se como principal objectivo demonstrar que, através de processos de aprendizagem cooperativa e colaborativa e através da valorização das práticas performativas, é possível aumentar os níveis de motivação e de auto-estima em alunos cujas características mais marcantes se prendem com a falta de interesse pelas actividades musicais desenvolvidas (níveis de auto-estima indesejavelmente baixos ou sentido de liderança excessivo). O professor deve reconhecer nos seus alunos as necessidades e interesses que estes manifestam para assim os conseguir motivar. Por esta razão, deve manter a postura de um investigador e confrontar as metodologias que tradicionalmente aplica com as que melhor se adequam a cada turma. As metodologias pedagógicas aplicadas devem ser seleccionadas de acordo com a população escolar, com o histórico de vivências que possuem e com o meio envolvente.

---

<sup>1</sup> Os momentos de observação realizados para a compreensão de determinados comportamentos, em locais diversificados, levam a admitir este facto fundamentado no crescente e mais familiar contacto com os colegas mais velhos.

É responsabilidade do professor, enquanto formador, educar não só na área disciplinar para a qual está profissionalmente preparado, mas também cativar os alunos que, por algum motivo, se encontram desmotivados, indiferentes ou que simplesmente têm um nível de participação muito baixo.

Nestes pressupostos, estruturou-se o trabalho desenvolvendo-se numa primeira parte a fundamentação teórica através da revisão da literatura realizada à volta dos aspectos psicológicos da música, do método de aprendizagem cooperativa e colaborativa, da motivação, da meta-cognição e afectividade e dos processos performativos.

Numa segunda parte, relativa ao processo prático da metodologia (acção), serão apresentados para além da necessária contextualização geográfica e sociocultural do meio, um conjunto de três módulos que contêm toda a informação relativa às diversas sessões, nomeadamente a planificação do módulo e respectivas reflexões de cada sessão/aula. O final de cada módulo foi objecto de uma sessão extraordinária performativa que, embora em contextos e organizações diferentes, pretende ser um dos motores do processo de motivação.

## **I parte**

### **Fundamentação teórica**

A perspectiva da revisão bibliográfica que fundamenta os aspectos teóricos inerentes à implementação do projecto que se apresenta incide, basicamente, nos pontos constituintes desta primeira parte.

Tendo como modelo metodológico geral os processos de investigação-acção tidos como preferenciais em contexto escolar, será o trabalho conduzido na abordagem aos aspectos psicológicos da música porque, ao longo dos séculos, o ensino dos diferentes aspectos musicais foi-se tornando cada vez mais psicológico, ao centralizar a educação no aluno. Os sons estimulam os sentidos e tornam o indivíduo sensível ao fenómeno sonoro o que contribui para o desenvolvimento integral do ser humano. No entanto, a formação intelectual dos indivíduos está ligada ao desenvolvimento afectivo, metacognitivo e cognitivo. O domínio afectivo deverá surgir como uma estratégia geral de aprendizagem, pelo que a motivação será uma componente da dimensão afectiva. Se falamos em motivação deverá analisar-se o que são os motivos e o que desperta diferentes interesses nos alunos. Verifica-se que os motivos não se aprendem, dependem dos estímulos para que se concretize determinada necessidade.

Os métodos devem ser apropriados aos conteúdos que se pretende ensinar, ao conjunto de alunos a quem se pretende ensinar e aos objectivos a atingir. A aprendizagem colaborativa promove as competências e tem como objectivo os alunos trabalharem em conjunto para maximizar os seus conhecimentos e os dos seus pares. O resultado da aprendizagem colaborativa é a concretização da tarefa designada, sendo medida pela construção do conhecimento e pela melhoria da performance na resolução da tarefa. Por último, a performance será o topo do trabalho desenvolvido. Perante essa circunstância, o aluno vai revelar um conjunto de comportamentos para os quais se preparou, sob orientação do professor, no sentido de concretizar determinado desafio que lhe foi sugerido, inter-relacionando-se com os seus pares e sentindo-se igualmente capaz de alcançar todos os objectivos propostos.

## 1 – Investigação - Acção

A investigação-acção é uma forma de pesquisa preferencial para trabalhar num contexto escolar e isto porque esse contexto é um meio dinâmico onde surgem sempre muitas dúvidas, onde muita gente reflecte e põe em causa o seu próprio desempenho. É certo que o investigador, sendo o próprio professor, trata a investigação na primeira pessoa, no entanto, através desta metodologia, é propiciado o distanciamento pelo facto de estimular a reflexão crítica, atingindo assim a objectividade.

Kurt Lewin foi o criador desta metodologia de investigação. O seu trabalho foi desenvolvido na década de 40, nos Estados Unidos da América, mas foi já depois dos anos 70 que se notou um maior desenvolvimento por parte de investigadores como Stenhouse, Elliot e Allal, nos finais da década de 70, ou Kemmis & Carr na década de 80. Coutinho, em 2005, definia a investigação-acção como um modelo que conjuga uma série de factores, nomeadamente a investigação, a acção, o pensar e o fazer .

O modelo de Kurt Lewin baseia-se na concepção de “ciclos de acção reflexiva”, em que cada ciclo se compõe por três fases: planificação, acção e avaliação da acção (Coutinho, 2009, p.20). A investigação parte de uma ideia geral, sobre a qual é traçado um plano interventivo, de acção. Após a aplicação, faz-se uma primeira reflexão do que foi feito, reformula-se o plano inicial e planifica-se o passo seguinte, tendo por base estas novas informações.

Esta metodologia é caracterizada por ser essencialmente prática porque, com a investigação, há uma acção que visa a transformação da realidade e, em simultâneo, a produção de conhecimento que são as próprias transformações resultantes da acção.

Através desta metodologia é mais fácil aproximarmo-nos da realidade e conseguir melhorar ou até transformar a prática social e educativa.

Existem três etapas durante a investigação-acção: a primeira surge no momento da prática lectiva em que o professor deve questionar-se acerca da forma como estrutura as suas abordagens, seguida imediatamente de uma segunda etapa, a de rever se essa forma foi, de facto, a mais adequada. Após essa reflexão, surge uma terceira etapa na qual o professor pondera sobre a reflexão anterior, adaptando o que julga necessário para melhorar a sua prática docente. Coutinho menciona Watts quando este refere que *a investigação-acção é um processo em que os participantes analisam as suas próprias práticas educativas de uma forma sistemática e aprofundada usando técnicas de investigação* (Coutinho, 2009). Durante

toda a investigação o professor reflecte criticamente sobre a acção que desenvolve junto dos seus alunos.

De acordo com Coutinho, a investigação-acção reúne uma série de características que a definem como sendo participativa e colaborativa, porque implica todos os intervenientes no processo, no qual também o investigador detém um papel de participante; é prática e interventiva porque tem o objectivo de ser aplicada e de intervir na realidade que descreve, uma vez que a acção está ligada à mudança; é cíclica porque envolve uma espiral de ciclos onde se verificam mudanças que vão gerando outras mudanças depois de avaliadas as condições das primeiras e alterados/adaptados determinados aspectos/circunstâncias; é crítica porque os seus participantes actuam nas próprias mudanças ou seja, são agentes de mudança e são eles próprios transformados no processo e responsabilizam-se por essas mudanças. É auto-avaliativa porque todas as mudanças, adaptações e alterações estão constantemente a ser avaliadas, sempre com o intuito de obter novos conhecimentos, numa perspectiva de adaptabilidade e de produção de novos conhecimento.

Numa investigação-acção o professor reflecte permanentemente sobre a sua prática lectiva, contribuindo para a resolução de problemas mas sobretudo, planifica e faz alterações a essa mesma prática, adaptando-a aos contextos de trabalho. Para Coutinho, a investigação-acção está sempre focada num problema e tem semelhanças com a Investigação Qualitativa e com a Investigação Aplicada porque, em ambos os métodos, o objectivo é promover a mudança e produzir resultados que possam ser utilizados na melhoria dos programas e na sua implementação. Os ciclos supra-citados compõem-se de três fases: a planificação, a acção e a avaliação da acção. Coutinho refere que, para Kurt Lewin, a investigação parte de uma ideia geral/problema, para o qual é esboçado um plano de acção; depois da aplicação faz-se uma avaliação e torna-se a traçar outro plano, de acordo com as alterações que devem ser feitas depois de se fazer a reflexão (Coutinho, 2009, pp.1-34).

Para o professor, a investigação-acção assume um carácter de grande importância porque só ele pode reflectir sobre as suas próprias aulas, sobre a forma como aplica as suas metodologias e se estas são as mais adequadas à turma. Os professores devem tornar-se investigadores, com o objectivo da melhoria do ensino e dos ambientes de aprendizagem. Uma investigação-acção consiste num processo de colocar questões, procurar respostas válidas e objectivas, interpretar e utilizar os resultados (Arends, 1995, p.525). Estes resultados vão contribuir para a melhoria da escola: se melhora o seu trabalho, vai melhorar a escola. Para que tal aconteça será necessário o professor ter autonomia e tempo para que seja possível dedicar-se ao estudo do seu próprio modo de ensino e para testar a eficácia das suas práticas

educativas. Arends, na alusão que faz aos estudos desenvolvidos por Lyman, refere que o mesmo ainda acrescenta que, para além dos passos já referidos, o trabalho deve ser organizado e escrito de modo a poder ser partilhado pelos outros, tanto professores como alunos (Arends, 1995, p.528).

## 2 - Os aspectos psicológicos da Música

A música é encarada ao longo da vida de variadas maneiras, dependendo da idade do sujeito, das suas vivências e preferências. Tudo o que nos envolve tem som, logo, tem uma grande influência na maneira de ser e de pensar de qualquer pessoa. A música acompanha o Homem e tem influenciado o seu desenvolvimento desde que este se vê como tal. Promove intercâmbios culturais e sociais e caracteriza a cultura de um povo. Os estilos musicais que ocorreram ao longo da História retratam a sociedade que representam, os costumes e os valores. Ao longo dos tempos o ensino da música foi-se alterando. Em qualquer país civilizado, a Educação Musical é parte da alfabetização e de uma educação integral obrigatória (Gainza, 1982, p.67).

Na nossa época, o objectivo não está centrado no conceito da música propriamente dito, não é (apenas) isso que se pretende ensinar. O objectivo está centrado naquele que aprende, no aluno/educando. A atenção centra-se nele, porque ele, aluno ou educando, está em constante evolução e crescimento. *Os seus interesses variam. A posição do educador musical moderno não é propriamente o de dar instrução aos alunos. Este aspecto é apenas um mas não o mais importante* (Gainza, 1982, p.19). O ensino dos diferentes aspectos musicais foi-se tornando, ao longo dos tempos, cada vez mais psicológico, ao centralizar a educação no educando. A criança gosta de explorar os sons porque estes estimulam os sentidos. No entanto, a forma como os sons estimulam os sentidos depende da idade; uma criança e um adolescente, por exemplo, ouvem a música de maneira diferente.

O objectivo da Educação Musical é musicalizar ou seja, tornar o indivíduo sensível ao fenómeno sonoro e contribuir para o desenvolvimento integral do ser humano (Gainza, 1982, pp.19-101).

Para Gordon, as crianças deveriam iniciar o seu contacto desde o nascimento; melhor, desde que são concebidas, ainda no útero materno. Quando nascem, todas elas possuem uma aptidão inata para a música. Esta aptidão representa as possibilidades interiores. A diferença é que nem todas são encorajadas no âmbito musical. Quanto mais cedo elas são expostas à música, mais cedo se iniciará a fase do *balbucio tonal e o balbucio rítmico* (Gordon, 2000,

p.8). Quando a qualidade do meio em que vivem é suficientemente estimulante as crianças desenvolvem essa capacidade inata e *o seu desempenho musical é o resultado do que aprenderam relativamente à sua aptidão musical; representa a “realidade exterior”* (Gordon, 2000, p.15). Estas são fases que precedem a audição preparatória. A melhor maneira das crianças adquirirem competências em audição preparatória é em grupo. A audição é o fundamento da teoria da aprendizagem musical porque o som só se converte em música através da audição. Tal como a própria linguagem, os sons são traduzidos na nossa mente para terem significado. A audição é o processo do entendimento musical. A aprendizagem é a expansão do espírito do aluno e começa pelo ouvido ou seja, a aprendizagem musical compreende a aprendizagem das competências, do conteúdo tonal e do conteúdo rítmico, todas conjugadas umas com as outras.

Para Willems, *a música tem o seu centro vital na melodia e é de natureza essencialmente afectiva* (Willems, 1975, p. 15).

### **3 – Meta-cognição e afectividade**

A formação intelectual dos indivíduos está ligada ao desenvolvimento afectivo, metacognitivo e cognitivo. Estes factores têm grande importância pois qualquer deles contribui para o sucesso ou insucesso dos alunos.

Flavell foi considerado o pai da meta-cognição e, para este autor, a aprendizagem abrange dois aspectos: os conhecimentos metacognitivos e o controlo que exercemos sobre o nosso próprio pensamento. Mas existe ainda outro aspecto importante que é também o da tomada de consciência da utilidade de realizar determinado tipo de tarefas.

Lafourture refere que Martin e Briggs (1986) consideram a expressão “domínio afectivo”, como uma estratégia geral, a qual é o conjunto de atitudes e valores, do comportamento moral e ético, do desenvolvimento pessoal, das emoções e sentimentos, do desenvolvimento social, da motivação e da atribuição (Lafourture, 1996, pp. 17-30).

A motivação é uma componente da dimensão afectiva pois determina as atitudes das pessoas. É preciso que o professor intervenha positivamente sobre a motivação, portanto, terá que demonstrar entusiasmo pela matéria que lecciona. Por outro lado, a afectividade é uma das estratégias da aprendizagem.

Os aspectos cognitivos, metacognitivos e afectivos da aprendizagem estão ligados entre si e é muito difícil para os alunos conseguirem distingui-los. Se o professor conseguir cativar o aluno através da afectividade irá incentivá-lo a ter mais confiança em si mesmo, para

que se sinta realmente capaz de atingir os seus objectivos. O professor deverá persuadir os alunos a ter uma atitude mais positiva relativamente à aprendizagem e à escola (Lafourtune, 1996, p.96). Para atingir objectivos de ordem afectiva e metacognitiva, é preferível utilizar actividades didácticas que motivem os alunos para a acção. Por outro lado, quando o aluno faz a sua autoavaliação, vai reconhecer os seus pontos fracos e fortes e vai compreender melhor o nível dos seus conhecimentos.

O clima de trabalho deverá ser de respeito, concentração e seriedade, mas se não existir uma relação afectiva entre professor e aluno, não há verdadeiramente uma acção educativa (Sousa, 2003, pp.131-147).

No que diz respeito à música, a melodia é a sua essência, a qual é interpretada de modo afectivo por cada um de nós. *A melodia tem o seu lugar entre o ritmo e a harmonia da mesma maneira que a afectividade encontra o seu lugar no mundo material, físico e psicológico próprio do Homem* (Willems, 1975, p.48).

#### **4 - Motivação**

O estudo, é centrado no problema da motivação dos alunos perante a disciplina de Educação/Expressão Musical dos primeiro e segundo Ciclos do Ensino Básico e da maneira como essa motivação, ou a falta dela, influencia o comportamento dos alunos no decorrer das actividades lectivas.

A motivação é um elemento que faz parte da afectividade humana. Os alunos, neste caso, podem sentir-se motivados de duas maneiras: extrínseca ou intrinsecamente.

Nas situações em que claramente se verificam perfis de motivação extrínseca, porque há uma considerável resposta às actividades propostas na sala de aula, revelando grande entusiasmo, basta manter esse nível de entusiasmo porque a motivação intrínseca está inerente a cada um dos alunos pelo facto de se notar que eles retiram prazer daquilo que fazem. Para estes alunos todas as propostas de trabalho são desafios interessantes e mesmo quando as dificuldades surgem, eles continuam animados a trabalhar para conseguirem superar as suas dificuldades. A motivação intrínseca torna-se auto-reforçante e encorajadora para a obtenção do fim que se propõe alcançar. Estes dois tipos de motivação andam sempre ligados um ao outro. No entanto, existe outro aspecto ao qual é necessário dar atenção e que diz respeito à atitude do professor na sala de aula. O entusiasmo do professor face às matérias leccionadas é preponderante para o desenvolvimento de qualquer actividade, (Lafourtune, 1996 pp.30-40) e

pode ser considerado um ponto de partida para que a turma, por contágio da alegria sentida, se sinta da mesma maneira e veja benefício em participar nessa actividade proposta.

À medida que a motivação vai aumentando, verifica-se uma melhoria do comportamento. Por essa razão é que o comportamento está directamente relacionado com a motivação, pois esta depende de um conjunto de factores múltiplos que se relacionam com o meio.

O professor tem a sua própria maneira de estar e de intervir no contexto de sala de aula. Tem o seu estilo de ensino e isso leva-o a escolher as suas metodologias pedagógicas. *Não há um método pedagógico perfeito; nenhum pode convir a todos os conteúdos de aprendizagem. Há interesse em utilizar uma serie de métodos diferentes e adaptá-los consoante os conteúdos e os objectivos a atingir* (Lafourture, 1996, p.64). Cada professor tem as suas técnicas de ensino e, se optar pelo ensino colaborativo e cooperativo, vai proporcionar o trabalho de equipa o que vai permitir que cada aluno perceba que não está sozinho com as suas dificuldades; os colegas também as têm. O trabalho em equipa é favorável à obtenção de objectivos afectivos e metacognitivos.

Os factores que permitem uma aprendizagem eficaz são a vontade e a atenção. Numa pedagogia não directiva, o educador deve ser simples, activo e sempre disponível, atento às necessidades e interesses expressos da criança. O professor organiza o seu trabalho no sentido de ser o próprio aluno a identificar as suas dificuldades e procurar soluções. Existe uma comunicação empática que estabelece um diálogo cordial levando o aluno a sentir a liberdade necessária para conseguir expressar os seus sentimentos (dentro dos limites combinados previamente). Desta maneira, o aluno sentir-se-á motivado para ser activo e dinâmico e, a um aluno motivado, numa perspectiva pedagógica, é dar-lhe a possibilidade de exteriorizar as suas emoções e sentimentos, conseguindo superar a sua natural inibição e demonstrar o que sente.

A expressão é um fenómeno individual, inconsciente; nunca é fenómeno de carácter social. A expressão tem valor apenas enquanto dura a sua acção e apenas para quem a expõe (Sousa, 2003, pp.124-185). Estimular a criatividade é provar à criança que se confia nela, nas suas capacidades de realização. No fundo, é estimular-lhe a sua auto-estima no sentido de ser capaz de realizar determinada actividade. A aprendizagem pela descoberta é alimentada, e desenvolve-se, quando reforçada. A criança tenderá a corresponder quando motivada pelo seu grupo de pares, se for aceite socialmente e se partilhar objectivos comuns que visem a mesma necessidade. Por outro lado, se o objectivo que se pretende atingir for reforçador, ela vai sentir ainda mais necessidade de o atingir.

Skinner e Bruner foram teóricos que estudaram o comportamento. Sprinthal refere que Skinner assenta a sua psicologia *nas condições do meio (estímulos) que afectam o conjunto de respostas do organismo. Encara a aprendizagem como uma associação entre estímulos e respostas* (Sprinthal, 1993, p.223). Skinner chamou a isto reforço. A teoria do reforço também é uma teoria de aprendizagem, cuja aplicação no ensino conduziu ao chamado “ensino programado” (Coutinho, 2006, p.156). A aprendizagem é uma mudança de comportamento que resulta da associação entre a ocasião em que o comportamento ocorre (estímulo) e o comportamento em si. Os reforços podem ser positivos ou negativos e podem ser definidos como algo que pode aumentar a probabilidade de repetição da resposta. *Há reforço positivo se o efeito do reforço é o resultado da introdução de um estímulo agradável. Considera-se negativo quando se suprime um estímulo desagradável* (Berbaum, 1993, p.68). Para Skinner, segundo Sprinthal, *o professor deve utilizar técnicas que produzam mudanças comportamentais significativas* (cit. por Sprinthal, 1993, p.234).

O princípio de Bruner está na sequência: *Ensinar deve ter uma determinada sequência, formada por vários aspectos da matéria para envolver o aluno e levá-lo a aprender* (cit. por Sprinthal, 1993, p. 241). Para ele, a aprendizagem também requer reforço e a altura em que é dado é muito importante para o sucesso da aprendizagem.

A motivação do aluno assenta em três grandes ideias que orientam o pensamento contemporâneo relativamente a este assunto:

- 1- Teoria da hierarquia das necessidades;
- 2- Teoria da atribuição;
- 3- Experiência de fluxo.

A energia que cada pessoa aplica para atingir os seus objectivos depende destas três premissas que têm a ver com o esforço que despendem para atingir o sucesso, a necessidade que têm de se sentirem valorizados pelos seus pares e o esforço daqueles que pretendem controlar a sua própria aprendizagem e sentem prazer em o conseguir.

As motivações não se aprendem, dependem do interesse que despertam de modo a que se concretize determinada necessidade. *A organização sequencial das actividades intermédias é dinamicamente sustentada pela persistência de tensão de tarefa* (Abreu, 1998, p.50).

A motivação dos alunos poderá ser aumentada se lhes for proporcionado trabalho de equipa pois, um trabalho realizado em cooperação real é muitas vezes um estímulo ao empenhamento (Lafourture, 1996). Para Serra, a motivação consiste numa mobilização energética que acciona o indivíduo a comportar-se segundo a obtenção de uma finalidade (Serra, 1986, p.61).

## 5 - Método de aprendizagem cooperativa e colaborativa

*A aprendizagem cooperativa é uma mistura de técnicas não constituindo, por isso, uma técnica única* (Sprinthal, 1993, p.311).

Não existe um método pedagógico único, perfeito, os alunos são diferentes uns dos outros assim como os professores, logo, os métodos devem ser adoptados e apropriados aos conteúdos que se pretende ensinar, o conjunto de alunos a quem se pretende ensinar e os objectivos a atingir. O professor tem uma maneira de estar própria, portanto, cada um, irá protagonizar o seu próprio estilo. O professor deverá fazer uma avaliação do conjunto de alunos de que dispõe e encetar as estratégias que melhor se adequem para fazer chegar os objectivos que pretende ao maior leque de alunos possível. *A aprendizagem é um acto que cada um elabora a partir de conhecimentos que já possui* (Resendes, 2002, p. 43).

Para Aguado, a aprendizagem cooperativa reúne três condições: a turma deverá ser dividida em grupos entre três a seis elementos, os quais devem manter-se, geralmente, ao longo de todo o ano; os alunos incentivam-se mutuamente na aprendizagem das tarefas e, finalmente, deve recompensar-se o rendimento obtido como consequência do trabalho em grupo (Aguado, 2000, p. 126).

A aprendizagem colaborativa promove as competências e tem como objectivo os alunos trabalharem em conjunto para maximizar os seus conhecimentos e o dos seus pares. É uma abordagem de ensino/aprendizagem que promove a partilha de esforços e fomenta o desenvolvimento de competências pessoais, relacionais e cognitivas. *A aprendizagem é mais que uma simples transmissão de saberes. As metodologias de cooperação e de trabalho em grupo deverão ser incluídas numa educação socializadora* (Sousa, 2003, p.11).

Este método irá também melhorar o clima de sala de aula pois este será mais positivo quanto mais colaborativas forem as tarefas. Gordon refere igualmente que a melhor forma das crianças adquirirem audição preparatória é em grupo. Este autor ainda partilha da opinião de que elas aprendem melhor umas com as outras, sob a orientação de um adulto (Gordon, 2000, p.143).

Este método teve como grande influência Vygotsky, cuja teoria assenta em dois grandes planos interdependentes: o plano social e o plano individual. É social porque favorece as relações entre os alunos; ajuda-os a melhorar a sua reflexão crítica. É individual porque obriga o aluno a reflectir sobre si próprio; com novos esquemas mentais vai atribuindo novos significados aos novos conhecimentos, interiorizando-os. A abordagem da aprendizagem colaborativa exige também o envolvimento dos professores, mas estruturado de uma maneira

diferente: o professor passa a ser um orientador das aprendizagens. Ao nível cognitivo incluem o desenvolvimento de ganhos nas competências de nível superior – capacidade de análise, síntese e avaliação de conceitos e problemas (Bessa, 2002, pp.123-142).

Na aprendizagem em grupo, os alunos modificam-se uns aos outros no sentido em que trabalham, trocam impressões, ajudam-se mutuamente, fazem críticas e auto-avaliam-se. A tarefa que o grupo se propõe realizar será feita com mais empenho do que se cada um o fizesse individualmente. Quanto maior for o contacto entre os elementos do grupo, mais eficaz será a sua dinâmica interna baseada numa estrutura, repartindo tarefas. Quando o grupo funciona bem, todos os elementos são capazes de aguardar pela sua vez de falar, estar atentos ao que dizem os outros, saber colocar as suas dúvidas e exprimir as suas opiniões devidamente fundamentadas (Sousa, 2003, p.203).

A aprendizagem colaborativa é um conjunto de abordagens pedagógicas de trabalho em pequenos grupos, sobre tarefas ou actividades de aprendizagem específica, que envolvem o esforço conjunto de alunos e professores. A organização e estruturação dos grupos de aprendizagem colaborativa visa um conjunto de características para se poder desenvolver. Entre elas destacam-se a interdependência positiva entre os alunos porque todos os elementos do grupo contribuem para a aprendizagem dos outros. Apenas se todos unirem esforços e forem bem sucedidos é que a actividade ou tarefa estará completa. A responsabilidade individual tem a ver com o número de elementos do grupo: quantos menos forem, mais responsabilidade terá cada um. A auto-regulação do grupo visa a autoavaliação constante sobre as acções de cada membro do grupo e o que devem fazer para melhorar as suas prestações. Aqui o professor também tem um papel importante, pois deverá ir fornecendo o *feed-back* necessário aos alunos sobre o modo como o grupo desenvolve as suas tarefas (Silva, 2008, pp.20-30).

O resultado da aprendizagem colaborativa é a concretização da tarefa designada, sendo medida pela construção do conhecimento e pela melhoria da *performance* na resolução da tarefa. A aprendizagem cooperativa ajuda a aumentar os comportamentos de pedir e proporcionar ajuda. O acto de ajudar tem muito boas consequências ao nível psicológico, melhora a auto-estima e sentido de auto-eficácia. Todos beneficiam com este método de aprendizagem tanto a nível dos conteúdos como em relação à educação de valores (Aguado, 2000, p. 133).

A cooperação é a via mais persuasiva da interdependência, no entanto este método é muito difícil de ser implementado. Existem vários tipos de aprendizagem cooperativa: os grupos formais de aprendizagem cooperativa, os grupos informais de aprendizagem

cooperativa e os grupos de base cooperativos. Neste conjunto de processos, todos os alunos são importantes daí a essência deste tipo de aprendizagem assentar numa interdependência positiva. A aprendizagem cooperativa informal, por exemplo, obriga a que os alunos direccionem as suas atenções para a música que devem aprender. Por outro lado, o professor cria as condições necessárias para os alunos entenderem o que estão a aprender, dando-lhes sentido, mantendo assim o interesse e a motivação. Desta maneira, os alunos constroem o seu próprio conhecimento; não aceitam apenas o que o professor lhes quer ensinar (Johnson & Johnson, 1994, pp. 43-262).

O Movimento da Escola Moderna (MEM) citado por Resendes, atribui muita importância ao trabalho de cooperação entre alunos e ao apoio prestado pelo professor. O modelo pedagógico do MEM Portuguesa é um modelo sociocêntrico cuja prática democrática da gestão de conteúdos, das actividades, dos materiais, do tempo e do espaço se fazem em cooperação (Resendes, 2002, p.41).

## **6 - Processos performativos**

*Performance* musical é um evento que tem vários objectivos a cumprir, é uma aprendizagem motora que procura desenvolver os processos e os mecanismos envolvidos na aquisição de habilidades motoras e os factores que a influenciam. A *performance* musical é uma das áreas que mais requer grandes habilidades cognitivo-motoras e capacidades percepto-motoras. Para os *performers*, é um comportamento, é um processo de significado social. Para fazer música, o músico precisa construir uma representação mental de como a música soará perante o público. Para o público, é ter uma experiência auditiva. Os ouvintes ouvem a música e interpretam-na consoante as suas experiências e vivências musicais. Para o músico, a construção da peça musical tem um sentido; ele está consciente da sua prestação. Para o ouvinte, a música estimula a relação afectiva que tem com a própria música.

Numa análise etnográfica, considera-se que uma apresentação/*performance* é um espaço de transformação. É o culminar do processo pedagógico, ou seja, é mostrar tudo aquilo que foi aprendido e absorvido pelos músicos. É uma apresentação colectiva em que todos são responsáveis pelo produto final. Abrahams cita Esther Jean Langdon que refere que *a performance é um sistema comportamental, que reúne numa prática, aspectos relacionados e determinados pelo tempo, ocasião, lugares, códigos e padrões de expectativas, directamente associados ao universo social em que esse fenómeno se caracteriza* (Cit. por Abrahams, 1975, 25).

No entanto, a *performance* musical pode ser pouco indicada para a compreensão musical devido à complexidade da situação em si mesma. A execução musical pode ser vista de duas perspectivas que estão interligadas: por um lado, a compreensão é o entendimento expressivo e estrutural do conhecimento musical, por outro, a técnica refere-se à competência funcional para realizar actividades musicais específicas. É preciso que as *performances* musicais sejam motivadoras e satisfaçam quem as executa.

A metodologia das *performances* abrange dois níveis: o dos aspectos intrínsecos (cognitivos, afectivos, psicomotores e comportamentais) e o do processo de preparação da própria *performance*. A par do desenvolvimento das competências, possibilita outras experiências de fluxo para a construção de uma identidade positiva da pessoa como *performer*. A *performance* é o próprio desempenho que se espera seja potenciado no momento que deve ser exteriorizado, mas também a capacidade de coordenar conhecimentos, habilidades, atitudes e comportamentos adequados para a realização de tudo o que envolva a preparação dessa *performance*. Entendem-se como conhecimentos, os conhecimentos musicais necessários, sejam eles instrumentais ou vocais; habilidades ao nível geral mas também psicomotoras, musicais e afectivas; as atitudes são as necessárias que se manifestam através do comportamento. Este comportamento é um conjunto de hábitos, acções e respostas adequadas, relacionadas com as necessárias para a aprendizagem, preparação e apresentação da *performance* musical (Silva, 2008, pp. 20-36).

## **II Parte**

### **Implementação do projecto**

## **1 – Caracterização da Escola, do meio envolvente e das turmas**

O Agrupamento de Escolas de Lagares da Beira compreende a Escola Básica Integrada de Lagares da Beira que funciona como sede do Agrupamento, o Jardim de Infância de Lagares da Beira, as Escolas do 1º ciclo de Meruge, de Travanca de Lagos e os Jardins de Infância de Meruge e Travanca de Lagos.

Os estabelecimentos de educação que constituem o Agrupamento ficam situados na zona norte do concelho de Oliveira do Hospital, distrito de Coimbra e cobrem uma área geográfica da qual fazem parte as Juntas de Freguesia de Lagares da Beira, Meruge e Travanca de Lagos.

O concelho de Oliveira do Hospital faz fronteira, a Norte com o rio Mondego, Nelas e Carregal do Sal, pertencentes ao distrito de Viseu; a Este com o concelho de Seia, do distrito da Guarda; a Sul com o concelho de Arganil e a Oeste com o concelho de Tábua, sendo estes últimos concelhos do distrito de Coimbra.

No início do ano lectivo e no enquadramento sociocultural real, detectaram-se diferentes estados de motivação, variando consoante o ano escolar em que os alunos se encontravam e revelando maneiras de estar diferentes no contexto da sala de aula. A turma do 3º ano era um grupo de 18 alunos a quem era necessário manter as características que apresentavam motivação e colaboração nas actividades propostas. A turma do 5º ano, constituída por 16 alunos, demonstrava já alguma apatia e apenas interesse esporádico por algumas actividades. A que carecia de uma intervenção mais cuidada, pelo facto de revelar níveis de motivação abaixo dos necessários para a assimilação de conhecimentos e participação nas actividades, era a do 6º ano, não que se tratasse de um panorama raro nas escolas de hoje, mas merecedor de um trabalho que desafiasse essa postura e fosse capaz de modificar tais condutas.

## 2 - Metodologias de suporte à implementação do projecto

Para que exista aprendizagem, é necessário que essa aprendizagem seja sentida pelos alunos como útil e necessária para alguma coisa.

Numa primeira análise, feita através da colocação de um questionário aos alunos e outro aos encarregados de educação, percebeu-se os níveis de interesse pela disciplina e as perspectivas que tinham acerca da mesma, tanto por parte dos alunos como por parte dos encarregados de educação. Notou-se alguma segregação relativamente a alguns alunos por parte dos seus pares, sobretudo na turma do 6º ano, o que dificultou a instalação de um ambiente favorável para desenvolver actividades conjuntas, como característico numa aula essencialmente prática como é a de Educação Musical. Optou-se então pela aplicação de um conjunto de técnicas e processos cooperativos para a concretização dos objectivos que se pretendiam alcançar. As razões que levaram a enveredar por esta solução foram o facto de existirem vários alunos que evidenciavam baixos níveis de auto-estima e a própria turma revelar alguma segregação pelos seus pares. Ora, quanto mais cooperativas fossem as tarefas em grupo, mais positivo seria o ambiente geral da sala de aula. Era necessário desenvolver igualmente a autonomia e, através do trabalho inter-pares, da confiança depositada pelo professor nos alunos e do *feed-back* dado durante os seus avanços, demonstrar que esse tipo de trabalho era o mais adequado. Os procedimentos da aprendizagem cooperativa utilizados foram o de Quebra-cabeças (*Jigsaw*) e Aprendendo Juntos (*Learning Together*).

A estratégia *Jigsaw* é uma técnica que incentiva e desenvolve o saber escutar e a interacção entre os alunos/colegas uma vez que cada membro do grupo se “especializa” numa determinada parte do conhecimento, responsabilizando-se pelo mesmo. *Learning Together* é o desenvolvimento do trabalho em colaboração como estratégia para a construção do conhecimento e da aprendizagem. Esta colaboração pode passar por vários níveis como por exemplo: divisão do trabalho em tarefas em que cada membro do grupo fica responsável por cada uma delas; níveis de colaboração em que há momentos em que se trabalha individualmente e outros em que o trabalho é de grupo no propósito de atingir o próprio objectivo de aprender a colaborar, e o da colaboração formal pois cada membro do grupo compromete-se em realizar o trabalho colaborativamente.

Este género de trabalho estabelece o direito à diferença, desenvolve a capacidade de saber ouvir os outros e incrementa a solidariedade e o respeito pelo próximo.

Numa primeira etapa, procurou-se estabelecer um clima agradável, onde os alunos se sentissem confiantes. Numa segunda etapa, as técnicas do modelo cooperativo e colaborativo

foram experimentadas junto dos alunos uma vez que, para além das aprendizagens das matérias, criam um contexto favorável à ocorrência de certos tipos de aprendizagens consideradas significativas para o desenvolvimento integral dos alunos e para a vida em sociedade, promovem o desenvolvimento de variáveis psicológicas importantes como sejam a auto-estima, a auto-eficácia, a motivação para a realização e as próprias atitudes dos alunos face à aprendizagem, e favorecem o desenvolvimento de competências sociais tais como uma maior tolerância entre os alunos e uma redução da conflitualidade escolar (Coutinho, 2006, p.150). A aprendizagem cooperativa provoca nos alunos o sentimento de que só conseguem alcançar as suas próprias metas pessoais se colaborarem com os colegas através das metas da equipa, o que impulsiona um maior esforço, aumentando a motivação para a aprendizagem (Aguado, 2000, p.129).

### **3 - Introdução ao Módulo 1**

As sessões que constituem o módulo 1 nos três níveis de ensino, terão como principal objectivo a apresentação pública, na última semana de aulas do primeiro período, do trabalho desenvolvido relativamente à temática do Natal. Sem prejuízo do devido tratamento dos conteúdos programáticos das canções, este conjunto de aulas valorizará principalmente os aspectos socializadores que o canto poderá proporcionar, numa quadra festiva como a referida. A motivação para as actividades da aula será incrementada, nesta fase, através de uma intervenção direccionada no sentido da criação de estratégias que proporcionem a consecução do objectivo anteriormente referido.

Mediante a análise dos resultados do primeiro questionário (Anexo 1) a que os alunos foram sujeitos, percebe-se que os do 3.º ano se encontram motivados para as actividades que a disciplina de Expressão Musical poderá proporcionar. No entanto, é necessário manter essa motivação e, para que tal se verifique, deverá existir uma empatia entre professor e alunos, estabelecendo-se um clima de confiança e de cumplicidade. No entanto, esta motivação vai desvanecendo-se à medida que vão progredindo pelo 5º e 6º ano, estando mesmo substancialmente desmotivados no início do 6º ano. Deste modo, deverá reforçar-se a importância da existência de uma boa relação pedagógica entre todos com o objectivo de se alterar completamente o que neste momento acontece: alunos desmotivados pelas actividades lectivas de Educação Musical.

### 3. 1 – Planificação do Módulo 1 para o 3ºano

Sessões entre **26 de Novembro e 17 de Dezembro**, correspondendo a **cinco tempos de quarenta e cinco minutos**.

<b>Conceitos/ Conteúdos</b>	<b>Competências</b> (O aluno é capaz de...)	<b>Actividades</b>	<b>Avaliação</b>
<p><b>Forma:</b> Binária;</p> <p><b>Ritmo:</b> Pulsação; Compasso quaternário;</p> <p><b>Dinâmica:</b> Forte, Piano, crescendo e diminuendo;</p> <p><b>Altura:</b> Dó 3 - Dó 4</p> <p><b>Timbre:</b> Realce tímbrico e vozes.</p>	<p>Reconhecer auditivamente a forma binária;</p> <p>Reproduzir os padrões rítmicos das peças trabalhadas através de sons corporais;</p> <p>Manter a pulsação regularmente;</p> <p>Cantar colocando a voz correctamente;</p> <p>Cantar e coordenar movimentos simultaneamente.</p>	<p>Peças corais distribuídas: “Feliz Natal”, “Natal Africano” e “A Todos Um Bom Natal”;</p> <p>Reprodução de padrões rítmicos constantes nas peças trabalhadas;</p> <p>Leitura rítmica e melódica das peças;</p> <p>Realização de diversos exercícios rítmicos e melódicos de preparação para a peça a trabalhar;</p> <p>Cantar a peça com a voz colocada correctamente e respeitando as variações dinâmicas;</p> <p>Preparar uma coreografia para a 2ª peça;</p> <p>Cantar as peças no espaço próprio onde o evento vai decorrer.</p>	<p>Através da observação directa e registo em grelha individual serão avaliados os conteúdos entendidos como mais relevantes em cada sessão.<sup>2</sup></p>

<sup>2</sup> Em anexo 2 consta a grelha de avaliação modelo que suporta todas as informações relativas às várias sessões.

### 3.1.1 – Relatório e materiais da Sessão nº1 – 26/11

Em primeiro lugar começou-se com o jogo “macaquinho de imitação” que consistiu em a professora executar frases rítmicas a vários níveis: palmas (Fig.1), palmas e pernas (Fig.2) e palmas, estalinhos e pernas (Fig.3), que os alunos repetiram imitando, tentando manter uma pulsação regular. Os ritmos foram executados com base nos padrões rítmicos das canções que iriam ser distribuídas. Foi igualmente pedido aos alunos que tentassem reconhecer a que canções pertenceriam os ritmos que estavam a repetir, sabendo que eram canções de Natal. Os alunos conseguiram adivinhar o ritmo da canção “Natal Africano” pois já era do seu conhecimento por a terem cantado no Natal anterior, no 2ºano. Foi considerada a hipótese de substituir esta canção por outra para não haver repetições mas as crianças insistiram em cantá-la por gostarem muito dela.

Foram distribuídas as letras das canções Feliz Natal (fig.4) e Natal Africano (fig.5) para serem preparadas e cantadas pela turma. Os alunos foram informados de que na última semana de aulas decorreria a semana dos “Momentos de Natal” que consistiria na apresentação diária, de 14 a 17 de Dezembro, à hora do almoço, na escadaria do bloco principal, de canções de Natal apresentadas pelas diversas turmas, em programa a divulgar posteriormente (Anexo 3). Colocou-se o *play back* da canção Natal Africano (Faixa 2 do CD 1) que os alunos acompanharam batendo a pulsação com palmas, com o objectivo de recordarem a melodia e o andamento e se familiarizarem com esse acompanhamento. Seguidamente os alunos cantaram a canção com o acompanhamento. Na canção “Feliz Natal”, porque não era do conhecimento de todos, foi lida a letra com o ritmo feito com palmas. Seguiu-se a audição do respectivo *play-back* (Faixa 1 do CD 1). Depois os alunos cantaram-na utilizando o vocábulo *lá*, também com acompanhamento instrumental. Foi proposto aos alunos que até à aula seguinte tentassem decorar a letra da canção.

Nesta aula procurou-se avaliar aspectos relativos à capacidade rítmica por imitação e manutenção da pulsação. Todos os alunos conseguiram com facilidade executar as actividades propostas.

Fig.1:



Fig.1.1:



Fig.2:

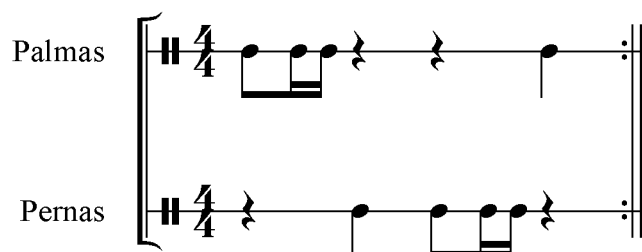


Fig.2.1:

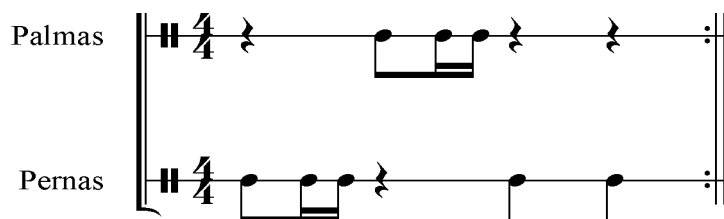


Fig.3:

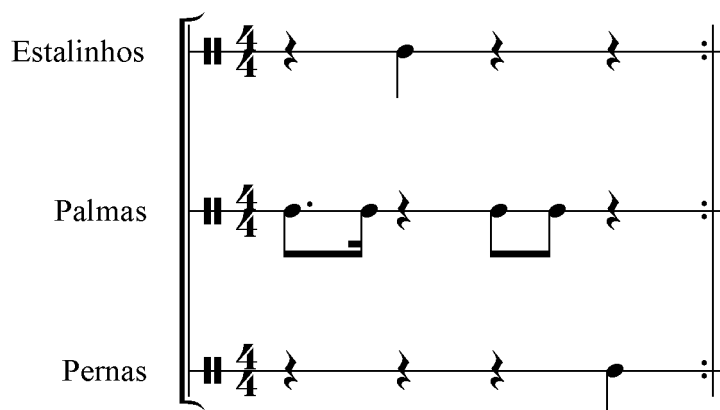


Fig.3.1:

Estalinhos

Palmas

Pernas

Fig.4:

Voz

Fe - liz Na-tal Fe - liz Na-tal Je - sus nas-ceu Fe - liz Na - tal Vem das al-tu - ras

6

o Senhor ma - ni-fes-tar o Seu a-mor Fe - liz Na-tal Fe - liz Na-tal Je - sus nas-ceu Fe -

12

liz Na - tal

Ouviu os Anjos proclamar  
 A paz que os homens vem salvar  
 (Refrão)

Vem das alturas o Senhor Manifestar o Seu amor  
 (Refrão)

Fig.5:

Voz

Lo-go que nas - ceu \_\_\_\_\_ Je-sus a - cam pou \_\_\_\_\_ lo-go que nas - ceu \_\_\_\_\_ Je-sus a - cam - pou \_\_\_\_\_

9

\_\_\_\_\_ e à luz das es - tre - las \_\_\_\_\_ u-ma vo-oz-so - ou \_\_\_\_\_ um ha-ha-ha ha \_\_\_\_\_ um ha ha ha ha \_\_\_\_\_

Maria a Senhora Seu Filho embalou  
 Maria a Senhora seu Filho embalou

E à luz das estrelas, uma voz soou

Um Ah! Ah! Ah! Ah!

Um Ah! Ah! Ah! Ah!

### 3.1.2 – Relatório e materiais da Sessão nº 2 – 03/12

Iniciou-se a aula com repetição de ritmos com base nos padrões da canção “Natal Africano”, à semelhança do já feito na aula anterior. Seguiu-se um aquecimento vocal, para o relaxamento dos músculos faciais, repetição de pequenas frases melódicas com intervalos conjuntos e/ou cromáticos, utilizando vocábulos como “mo”, “mi” e “ma” (fig.3). São exercícios que ajudam os alunos a preparar as vozes para cantar afinadamente, com boa colocação vocal e com uma postura corporal correcta.

Seguidamente cantou-se “Natal Africano” com o acompanhamento instrumental. Foi ainda associada uma coreografia simples para acompanhar o balanço da canção que se baseava no seguinte: os alunos, em duas filas desencontradas, balançavam os braços arqueados para a direita e para a esquerda, nos dois primeiros versos. Nos 3º e 4º versos faziam gestos alusivos à letra: no 3º verso abriam e fechavam os dedos (gesto das estrelas a brilhar) e no 4º verso colocavam a mão direita atrás da orelha e logo de seguida a mão esquerda ao lado da boca, que significava a “voz soou”. Na 2ª quadra, nos dois primeiros versos, faziam o gesto de embalar um bebé e seguia-se o gesto da 1ª quadra, visto que os versos eram iguais.

Depois trabalhou-se a letra da canção “Feliz Natal” acompanhando o ritmo com palmas. Seguidamente cantou-se com o instrumental, também acompanhado com palmas a fazer o mesmo ritmo de acompanhamento percussivo.

Seguidamente fez-se nova repetição de ritmos (Fig.1), baseados na canção que será cantada juntamente com as turmas dos 5º e 6º anos: “A Todos Um Bom Natal” (Fig.2). A letra é uma versão simplificada do original, pelo que é muito simples de decorar. A estrutura, com o instrumental que será utilizado (Faixa 4 do CD1), obrigará os alunos a utilizarem a sua memória para fixarem a ordem pela qual as quadras são cantadas e as suas repetições.

Nesta sessão valorizaram-se os aspectos relativos à afinação e à capacidade da colocação correcta da voz.

Fig.1:





### 3.1.3 – Relatório da Sessão nº 3 – 10/12

Iniciou-se a aula com um aquecimento vocal à semelhança do que foi feito na aula anterior. Com a ajuda do teclado, foram realizados vários exercícios vocais utilizando dinâmicas diferentes (*fortíssimo*, *pianíssimo*, *crescendo* e *diminuendo*).

Começou-se por cantar a canção “Feliz Natal” com uma dinâmica piano, por frases melódicas, para conseguirmos focar toda a atenção nos aspectos melódicos. À medida que iam cantando as frases, aprimorava-se a afinação de algumas passagens. Este exercício foi feito com a ajuda do teclado. De seguida, cantou-se a canção integralmente com o *play back*. O mesmo trabalho foi feito com a canção “A Todos um Bom Natal”. Para terminar a aula cantaram o “Natal Africano” com a coreografia.

Nesta sessão os alunos foram avaliados nos aspectos relativos à afinação e à capacidade da correcta aplicação da dinâmica, assim como a capacidade de coordenação motora com a melodia.

### 3.1.4 – Relatório da Sessão nº 4 – 15/12

Nesta sessão a aula funcionou como um ensaio geral visto que foi a vez da turma apresentar o seu “Momento de Natal”. Foram cantadas as canções com os *play-back's* respectivos, dando atenção às respectivas dinâmicas. Depois dirigimo-nos ao local de apresentação, para ensaiarmos a entrada e as suas posições.

A avaliação incidiu sobretudo na forma como a turma interagiu entre si e no comportamento perante o público.

### 3.1.5 – Relatório da Sessão nº 5 – 17/12

Nesta aula foi feito o ensaio da canção “A Todos Um Bom Natal”, a cantar com as outras turmas, no espaço próprio onde o evento vai decorrer, para treinar as entradas no palco e a colocação nos respectivos lugares.

Avaliou-se ainda a *performance* dos alunos em geral num espaço diferente do da sala de aula.

**3.2 – Planificação do módulo 1 para o 5º ano**  
Sessões entre **26 de Novembro e 17 de Dezembro**, correspondendo a **quatro blocos de noventa minutos**.

<b>Conceitos/ Conteúdos</b>	<b>Competências</b> (O aluno é capaz de...)	<b>Actividades</b>	<b>Avaliação</b>
<p><b>Forma:</b> binária;</p> <p><b>Ritmo:</b> Pulsação; Andamento Moderato; Compasso quaternário</p> <p><b>Dinâmica:</b> Forte, Piano, crescendo e diminuendo</p> <p><b>Altura:</b> Dó 3 - Dó 4</p> <p><b>Timbre:</b> Realce tímbrico, vozes e instrumentos de altura indefinida.</p>	<p>Reconhecer auditivamente a forma binária;</p> <p>Ler e reproduzir os padrões rítmicos das peças trabalhadas;</p> <p>Manter a pulsação regularmente;</p> <p>Utilizar correctamente os instrumentos de altura indefinida seleccionados;</p> <p>Cantar colocando a voz correctamente;</p>	<p>Peças vocais distribuídas: “O Rap dos Reis Magos”, “O Pai Natal Vai Chegar” e * “A Todos Um Bom Natal”;</p> <p>Repetição de ritmos a vários níveis corporais tendo por base as células rítmicas utilizadas no rap e nas outras duas canções;</p> <p>Leitura das quadras do rap com acentuação rítmica e com boa dicção da língua portuguesa;</p> <p>Distribuição das quadras do rap por um grupo de 4 alunos;</p> <p>Realização de diversos exercícios melódicos de preparação para a 2ª peça a trabalhar;</p> <p>Atribuição dos instrumentos a outros 4 alunos;</p> <p>Ensaiar os ritmos de cada instrumento em forma de <i>ostinato</i> rítmico;</p> <p>Cantar as 2ª e 3ª peças com a voz colocada correctamente e respeitando as variações dinâmicas;</p> <p>Apresentar as três peças no espaço próprio onde o evento vai decorrer.</p> <p><b>*Peça para cantar conjuntamente com os 3º e 6º anos.</b></p>	<p>Através da observação directa e registo em grelha individual serão avaliados os conteúdos entendidos como mais relevantes em cada sessão.</p>

### 3.2.1 – Relatório e materiais da Sessão nº 1 – 26/11

Foi distribuído o texto para declamar “O Rap dos Reis Magos” (fig.1). Em primeiro lugar, a professora fez uma leitura das quadras para exemplificar o género de trabalho que se pretendia. Não foi uma mera declamação mas sim a tentativa de dar uma acentuação *rap* o que, desde logo, aliciou bastante os alunos. Alertou-se para a importância da acentuação e pediu-se à turma para fazer a leitura das quadras, novamente, com essa acentuação. O ritmo *rap*, associado a algumas dificuldades de leitura das palavras e de dicção, trouxe algumas dificuldades. Foram feitas repetições de ritmos com palmas (fig.2) baseadas no ritmo *rap* e, seguidamente, tornou-se a fazer a leitura das quadras com palmas a marcar o ritmo. A repetição foi a estratégia utilizada para corrigir algumas dificuldades. Por fim, encontrou-se um conjunto de quatro alunos que se seleccionou para o apresentar, sendo o refrão apresentado por todos simultaneamente.

Nesta sessão foi avaliada a capacidade de leitura com dicção e acentuação correcta da sílaba tónica.

Fig.1:

Com os olhos no céu  
Descobrimos uma estrela  
E por esta ser diferente  
Não quisemos perdê-la

Caminhámos p`lo deserto  
Sem grande hesitação  
Não há medo do vento  
Nem de apanhar um escaldão

Umás vezes a pé  
Ou montados nos camelos  
Andamos sem grande pressa  
Com turbantes nos cabelos



para um ritmo, e os de pele e de metal para outro. Atribuiu-se um instrumento a cada aluno daqueles que iriam fazer o *rap*. A restante turma acompanhou-os, utilizando sons corporais, valorizando a diversidade tímbrica. Assim, associou-se à pandeireta com pele, as palmas, ao triângulo, os estalinhos, às clavas, as mãos nas pernas e à caixa chinesa, os pés. Desta forma toda a turma trabalhou os mesmos exercícios de acompanhamento rítmico do *rap*.

A seguir trabalharam-se as células rítmicas presentes na canção “O Pai Natal Vai Chegar” (fig.4). Com ajuda do teclado cantaram-se as frases melódicas da canção, com o objectivo de as aprender correctamente, tanto no aspecto melódico como rítmico. A seguir colocou-se o *play back* de suporte (faixa 4 do CD 1) e cantou-se a canção.

Distribui-se de seguida a canção a ser cantada em conjunto com as turmas dos 3º e 6º anos “A Todos Um Bom Natal” (Fig. 2, da sessão 2, do Módulo 1 do 3ºano). Os alunos já conheciam a melodia embora a letra seja diferente. No entanto, é bastante simples e fácil de aprender pelo que se colocou logo o instrumental (faixa 4 do CD 1) que iria acompanhar a canção. Cantou-se a canção dando atenção à dinâmica.

Nesta sessão foram avaliadas as destrezas rítmicas mostradas através da repetição de ritmos por imitação e a capacidade de reproduzirem ritmos nos instrumentos de percussão de altura indefinida.

Fig.1:

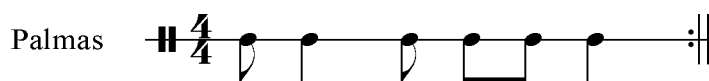


Fig.1.1:



Fig.1.2:

Estalinhos

Pernas

Detailed description: This figure shows two staves of music in 4/4 time. The top staff, labeled 'Estalinhos', begins with a double bar line and a 4/4 time signature. It contains a sequence of notes: a dotted quarter note, an eighth note, a quarter note, a dotted quarter note, an eighth note, a quarter note, followed by two rests. The bottom staff, labeled 'Pernas', also starts with a double bar line and a 4/4 time signature. It contains two rests, followed by a quarter note, a dotted quarter note, and a quarter note. Both staves end with a repeat sign.

Fig.1.3:

Estalinhos

Pernas

Detailed description: This figure shows two staves of music in 4/4 time. The top staff, labeled 'Estalinhos', begins with a double bar line and a 4/4 time signature. It contains a rest, followed by a quarter note, a dotted quarter note, a quarter note, a rest, and a quarter note. The bottom staff, labeled 'Pernas', starts with a double bar line and a 4/4 time signature. It contains a quarter note, a dotted quarter note, a quarter note, a rest, a quarter note, a dotted quarter note, and a quarter note. Both staves end with a repeat sign.

Fig.1.4:

Estalinhos

Pernas

Detailed description: This figure shows two staves of music in 4/4 time. The top staff, labeled 'Estalinhos', begins with a double bar line and a 4/4 time signature. It contains a quarter note, a dotted quarter note, a quarter note, a rest, and a quarter note. The bottom staff, labeled 'Pernas', starts with a double bar line and a 4/4 time signature. It contains two rests, followed by a quarter note, a dotted quarter note, and a quarter note. Both staves end with a repeat sign.

Fig.1.5:

Estalinhos

Pernas

Detailed description: This figure shows two staves of music in 4/4 time. The top staff, labeled 'Estalinhos', begins with a double bar line and a 4/4 time signature. It contains a quarter note, a rest, a quarter note, and a quarter note. The bottom staff, labeled 'Pernas', starts with a double bar line and a 4/4 time signature. It contains two rests, followed by a quarter note, a dotted quarter note, and a quarter note. Both staves end with a repeat sign.

Fig.2:

Vozes

o pai na - tal vai che - ga - ar com brin - que-dos pa-ra dar são to-dos pra to-

8  
car plim plim plim zás trás pás ao Lu-ci-a-no dá um pi-a-no plim plim plim plim

14  
plim

## Refrão:

O Pai Natal vai chegar  
 Com brinquedos para dar  
 São todos p`ra tocar  
 Plim plim plim zás trás pás

À Leopoldina, uma concertina zum zum zum zum zum  
 Ao Luciano, dá um piano plim plim plim plim plim

## (Refrão)

Ao Adelino, dá um violino zi zi zi zi zi  
 À Leopoldina, uma concertina zum zum zum zum zum  
 Ao Luciano, dá um piano plim plim plim plim plim

## (Refrão)

E p`ra Maria, uma bateria zás trás pás pás pás  
 Ao Adelino, dá um violino zi zi zi zi zi  
 À Leopoldina, uma concertina zum zum zum zum zum  
 Ao Luciano, dá um piano plim plim plim plim plim

## (Refrão)

Fig.3:

Clavas

Caixa Chinesa

Pandeireta s/pele

Triângulo

Fig.4:

Estalinhos

Palmas

### 3.2.3 – Relatório e materiais da Sessão nº 3 – 10/12

O início da aula foi preenchido por repetição de ritmos a dois níveis, palmas e pernas (fig.1), por imitação, baseado nas células rítmicas da canção “A Todos Um Bom Natal”. A seguir foi feito o aquecimento vocal para preparação das vozes para cantar com uma postura correcta e afinadamente. Depois cantaram-se as frases melódicas com o vocábulo “mo”, ao que se seguiu a colocação do instrumental de acompanhamento para a turma cantar a canção com a dinâmica proposta.

A turma dirigiu-se à escadaria onde será apresentado o seu “Momento de Natal” para ensaiar a entrada e a colocação nos seus lugares. Cantaram a canção e fizeram o *rap* mas sem nenhum acompanhamento pelo facto das aulas estarem a decorrer na altura.

Nesta sessão foram avaliados os aspectos relativos à afinação e aos níveis de dinâmica com que os alunos cantaram a canção.

Fig.1:

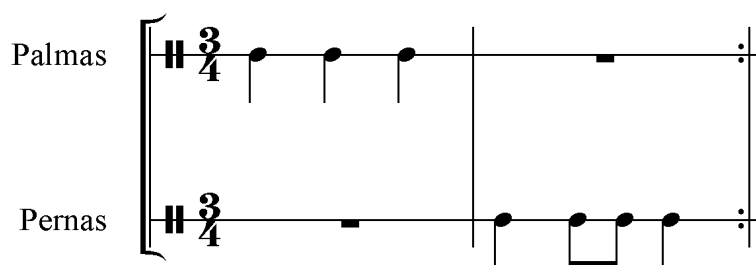
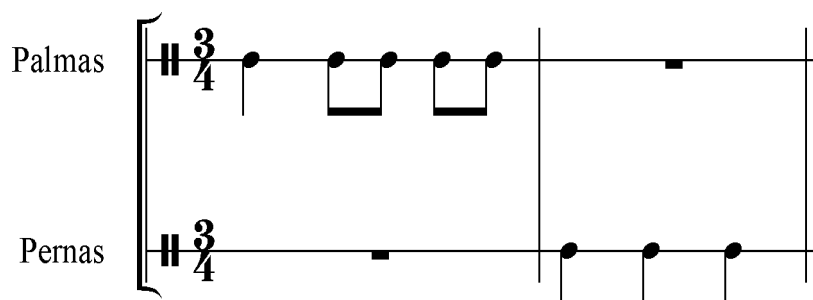


Fig.1.1:



### 3.2.4 – Relatório da Sessão nº 4 – 17/12

Procedeu-se ao aquecimento vocal para se cantar a canção “A Todos Um Bom Natal” o que se fez, logo a seguir, com o acompanhamento instrumental.

Depois preparou-se a sala para se fazer um lanche partilhado comemorando o final do 1º período. Este tipo de actividades é importante para aproximação afectiva dos alunos aos professores e vice-versa. Facilita ainda um convívio mais próximo promovendo o estreitamento de relações, o que compromete positivamente a necessidade dos alunos demonstrarem um bom desempenho e colaborarem activamente nas actividades das aulas.

Nesta sessão valorizou-se o convívio e o clima estabelecido entre os alunos e a professora.

### 3.3 – Planificação do módulo 1 para o 6ºano

Sessões entre **19 de Novembro e 17 de Dezembro**, correspondendo a sete **tempos de quarenta e cinco minutos**.

Conceitos/ Conteúdos	Competências (O aluno é capaz de...)	Actividades	Avaliação
<p><b>Forma:</b> binária;</p> <p><b>Ritmo:</b> Pulsação; Ponto de aumentação;</p> <p>Andamento Moderato; Anacrusa; Compasso binário e quaternário;</p> <p><b>Dinâmica:</b> Forte, Piano, crescendo e diminuendo;</p> <p><b>Altura:</b> Dó 3 - Re 4;</p> <p><b>Timbre:</b> Realce tímbrico; Vozes, instrumentos de sopro (flauta de bisel soprano) e Instrumentos de lâminas;</p>	<p>Reconhecer visual e auditivamente a forma binária;</p> <p>Compreender a função do ponto de aumentação;</p> <p>Ler e reproduzir os padrões rítmicos trabalhados nas peças;</p> <p>Manter a pulsação regularmente;</p> <p>Entoar afinadamente as melodias das peças seleccionadas;</p> <p>Utilizar a flauta de bisel com técnicas correctas, ao nível da digitalização, articulação e níveis dinâmicos;</p> <p>Utilizar os instrumentos de lâminas com as técnicas correctas;</p> <p>Cantar colocando a voz correctamente.</p>	<p>Peças distribuídas: “Away In A Manger”, Adeste Fideles”, “Natal” e *’A Todos Um Bom Natal”;</p> <p>Reproduzir a vários níveis corporais, padrões rítmicos constantes nas peças distribuídas;</p> <p>Leitura melódica das peças musicais.</p> <p>Tocar as peças na flauta;</p> <p>Tocar o acompanhamento da 3ª peça nos xilofones;</p> <p>Juntar a parte da flauta da 3ª peça aos acompanhamentos de xilofone;</p> <p>Prática instrumental e vocal das peças propostas, no espaço próprio em que o evento vai decorrer.</p>	<p>Através da observação directa e registo em grelha individual serão avaliados os conteúdos entendidos como mais relevantes em cada sessão.</p>

### 3.3.1 – Relatório e materiais da Sessão nº 1 - 19/11

Repetição de ritmos (fig.1) baseados na peça instrumental “Natal” (fig.1) a dois e três níveis corporais. Trabalho, por compassos, das notas a ser tocadas nas lâminas. Primeiro cada aluno fez o estudo individual e depois juntaram-se os dois instrumentos de lâminas. Por frases melódicas, leram-se as notas da parte da flauta com o ritmo associado. Logo a seguir foram tocadas na flauta. Foi solicitado àqueles que revelaram mais facilidade que tocassem, para os colegas cantarem a parte vocal. Por fim, foi possível juntar as duas partes instrumentais (lâminas e flautas) e as vozes. Foi uma canção que os alunos demonstraram bastante agrado em executar.

Nesta sessão avaliou-se a destreza rítmico-motora na repetição por imitação das frases rítmicas do início da aula assim como a capacidade de reproduzir na flauta, sem preparação, as frases melódicas da peça distribuída já no final da aula.

Fig.1:

The image displays two systems of musical notation for a piece titled 'Fig.1'. The first system includes three staves: Flauta (Flute), Xilofone Soprano (Soprano Xylophone), and Xilofone Alto (Alto Xylophone). The second system includes three staves: Fl (Flute), XS (Soprano Xylophone), and XA (Alto Xylophone). The music is written in 3/4 time. The Flauta part features a melodic line starting with a quarter rest, followed by eighth and quarter notes. The Xilofone parts provide a rhythmic accompaniment with chords and single notes. A measure number '7' is indicated at the beginning of the second system.

14

Fl

XS

XA

Fig.2:

Palmas

Pernas

Fig.2.1:

Palmas

Pernas

### 3.3.2 – Relatório e materiais da Sessão nº 2 – 24/11

Em primeiro lugar, fez-se repetição de ritmos a dois níveis corporais (fig.1), baseados nas células rítmicas da peça só para flauta “Adeste Fideles” (fig.2). A digitação para obtenção da nota *si bemol* já era do conhecimento dos alunos, logo não trouxe dificuldades na execução na flauta. Tocou-se primeiro por frases melódicas e a repetir as passagens mais difíceis, as que os alunos revelaram ter maior dificuldade na execução.





### **3.3.5 – Relatório da Sessão nº 5 – 10/12**

Foi iniciada a aula com o trabalho instrumental - flautas e xilofones. Depois foi feito um aquecimento vocal, para ajudar as vozes a ficarem mais afinadas e bem colocadas. De seguida cantou-se a canção acompanhada dos xilofones. Dividiu-se a turma, conforme orientação anterior, para cantar e tocar a canção. Cantaram-se as outras duas canções preparadas, aperfeiçoando as partes em que a *performance* ainda não estava suficientemente correcta, quer a nível da afinação quer a nível rítmico.

Foi distribuída a canção “A Todos um Bom Natal” (fig.2, sessão 2 do Módulo 1 do 3º ano), a cantar com as turmas do 3º e do 5º anos. Executou-se a canção com o acompanhamento instrumental (Faixa 3 do CD 1)

### **3.3.6 – Relatório da Sessão nº 6 – 15/12**

A turma deslocou-se logo no início da aula para o espaço onde decorrerá o “Momento de Natal”, para ensaiar a entrada e a localização, tendo em atenção a colocação dos xilofones. Executou-se a canção, mas sem flautas por causa das aulas em funcionamento. Continuou-se o trabalho na sala de aula, incluindo a canção para cantar em conjunto com os 3º e 5º anos.

Nesta sessão foi avaliada a coordenação e organização do grupo num espaço diferente do da sala de aula.

### **3.3.7 – Relatório da Sessão nº 7 – 17/12**

Fez-se um balanço da execução das peças do dia anterior. Depois disso, deslocou-se a turma para o local de realização do Concerto de Natal. É um palco improvisado com mesas de sala de aula, no pavilhão da escola. Lá, foi ensaiada a entrada em palco e a colocação dos alunos. Cantou-se a canção com o acompanhamento instrumental.

Nesta sessão foi avaliada a maneira como se comportaram no palco improvisado onde se realizará o evento e no empenho com que tocaram e cantaram as músicas.

### **3.4 – Reflexão final do Módulo 1**

Findas as actividades de comemoração do Natal, é de realçar o entusiasmo com que a comunidade em geral recebeu diariamente os “Momentos de Natal”. Tratando-se de curtas actuações à hora do almoço, revelaram ser uma oportunidade para alunos, professores e funcionários se juntarem para ver os intervenientes a cantar e, também eles, cantarem. Foram ocasiões especiais porque, para além de não ocuparem muito tempo das tarefas diárias, funcionaram como potenciadores da valorização dos momentos performativos.

No último dia de aulas, a participação dos alunos na festa também teve o seu impacto positivo mas foi algo a que todos já se tinham habituado, contrariamente ao passado durante a semana. Os alunos que participaram sentiram-se muito entusiasmados e mais motivados para futuras participações em eventos semelhantes (Anexo 3).

### **4 - Introdução ao Módulo 2**

As sessões que constituem o módulo 2, nos três níveis de ensino, terão como principal objectivo a apresentação pública, no dia 22 de Março, para comemoração do centenário da Implantação da República. Ao longo deste ano civil muitas serão as comemorações e eventos preparados por todo o país, para a comemoração deste aniversário. O Agrupamento de Escolas de Lagares da Beira optou por esta data para celebrar o centenário.

Devido ao sucesso das apresentações do primeiro módulo, os alunos, de uma maneira geral, estão mais entusiasmados para as actividades a desenvolver para se preparar esta apresentação. No entanto, sobretudo os alunos do 6º ano, ainda revelam alguma indisciplina e desorganização, pelo que será necessário optar por estratégias específicas e inovadoras para alterar estas atitudes.

A atribuição de “prémios” aos alunos mais jovens, nomeadamente os do 3º ano, terá como objectivo a conservação da motivação manifestada desde o início do ano. São alunos também competitivos num grau moderado e a obtenção de algo que demonstre as suas capacidades e que fique visível para todos, é aliciante.

#### 4.1 – Planificação do Módulo 2 para o 3º ano

Sessões entre **23 de Fevereiro e 22 de Março**, correspondendo a **oito tempos de quarenta e cinco minutos**.

<b>Conceitos/ Conteúdos</b>	<b>Competências</b> (O aluno é capaz de...)	<b>Actividades</b>	<b>Avaliação</b>
<p><b>Forma:</b> ternária;</p> <p><b>Ritmo:</b> Pulsação; contratempo (ponto de aumento e sincopa); Andamento Moderato; Compasso quaternário (tempos fortes e fracos); Ritardando;</p> <p><b>Dinâmica:</b> Ligaduras de expressão; Forte, Piano, crescendo e diminuendo</p> <p><b>Altura:</b> Entre o Re 3 e o Re 4</p> <p><b>Timbre:</b> Realce tímbrico, e vozes.</p>	<p>Reconhecer visual e auditivamente a forma ternária;</p> <p>Compreender a função do ponto de aumento;</p> <p>Ler e reproduzir os padrões rítmicos das peças trabalhadas;</p> <p>Manter a pulsação regularmente;</p> <p>Utilizar a flauta de bisel com técnicas correctas, ao nível da digitalização, articulação e dinâmica;</p> <p>Cantar colocando a voz correctamente;</p>	<p>Peça distribuída: “Hino à Vida”;</p> <p>Leitura rítmica e melódica da peça musical e realização de diversos exercícios rítmicos e melódicos de preparação para a peça a trabalhar;</p> <p>Cantar a peça com a voz colocada correctamente e respeitando as variações dinâmicas;</p> <p>Apresentação e explicação de Densidade Sonora;</p> <p>Cantar a peça no espaço próprio onde o evento vai decorrer.</p>	<p>Através da observação directa e registo em grelha individual serão avaliados os conteúdos entendidos como mais relevantes em cada sessão.</p>

#### 4.1.1 – Relatório e materiais da Sessão nº 1 -23/02

Iniciou-se a aula com repetição de exercícios rítmicos para preparação da peça Hino à Vida, tema da Marcha “Pompa e Circunstância”, de Edward Elgar, (Manual do aluno - Música Viva, p.89). Exercícios a um (Fig.1) e dois níveis (Fig.2) corporais (palmas, e palmas e pernas), respectivamente. Foi feita a revisão dos tempos fortes e fracos de um compasso quaternário. Seguidamente, foi escrito no quadro um conjunto de quatro frases rítmicas, inspiradas na peça, com função de ditado rítmico visual (Fig.3, 3.1, 3.2 e 3.3), em que é apresentado o ritmo de cada frase três vezes e os alunos adivinham a ordem ditada. Os alunos copiaram as frases do ditado para o caderno e depois, em grupos de três, juntaram-se para as ler. Fizeram os ritmos em palmas, pernas e com estalinhos; cada nível corporal para cada aluno do grupo. Depois de estudadas as frases, cada grupo apresentou-as livremente: todos ao mesmo tempo, um de cada vez ou combinando os níveis (palmas com pernas, pernas com estalinhos, palmas com estalinhos). No final foi escolhido o grupo que teve melhor desempenho ganhando o grupo vencedor uma estrela. O objectivo deste “prémio” foi estimular a motivação dos alunos. O facto de o seu nome estar associado a algo que ganharam pelo seu desempenho, encoraja-os a continuarem o esforço no sentido do sucesso.

A capacidade de reconhecerem e reproduzirem as frases do ditado rítmico e a capacidade de se coordenarem em grupo, foram os aspectos mais relevantes a serem avaliados nesta sessão.

Fig.1:

Vozes

Can - te-mos à vi - da um hi-no d'a - mor na bo-c'um sor-

6 ri - so na mão u - ma flor pr'al - can-çar a paz o ca-mi-nh'ê

12 lon - go mas tu és ca - paz

Fig.2:

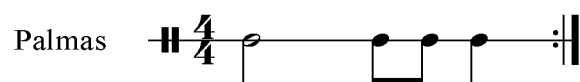
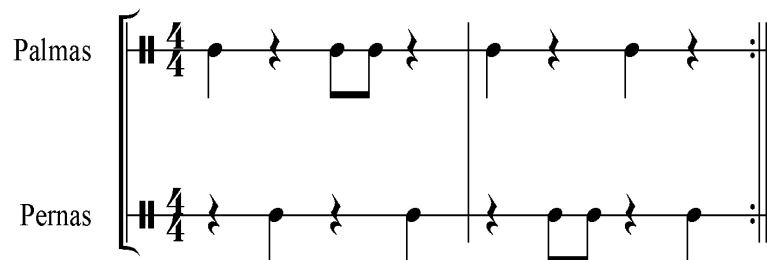


Fig.2.1:

Palmas 


Pernas 

Fig.3:

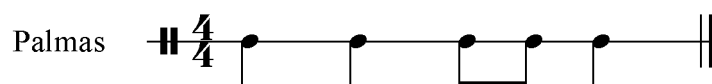


Fig.3.1:

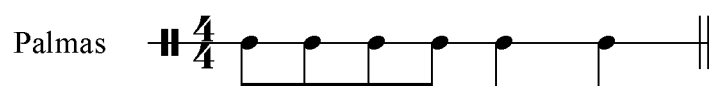


Fig.3.2:

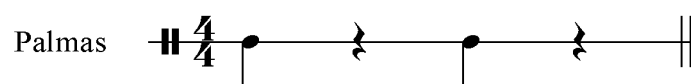
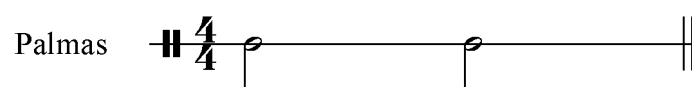


Fig.3.3:



#### 4.1.2 – Relatório e materiais da Sessão nº 2 – 25/02

Foi escrita no quadro a letra da primeira parte (parte A) da peça “Hino à Vida” (Fig.1) e os alunos copiaram-na para o caderno. Leram a letra da canção, acentuando a sílaba tónica e reforçando-a com palmas. Primeiro treinaram essa leitura em grupo e depois fizeram-na para os restantes colegas da turma. Cada grupo deu a sua opinião acerca da prestação dos outros grupos, ajudando os colegas a melhorarem o seu desempenho. Vivenciaram a síncopa através da repetição de ritmos contendo essa célula rítmica (fig.2). A avaliação incidiu sobre aspectos ao nível do espírito de entejuda que os alunos revelaram.

Fig.1:

##### **Parte A:**

Cantemos à Vida

Um hino d’amor

Na boca um sorriso

Na mão uma flor

##### **Parte A’:**

O mundo é um espaço

P’ra se conquistar

Sem canhões nem aço

P’ra alcançar a Paz

##### **Parte B:**

O caminho é longo

Mas tu és capaz

Fig.2:

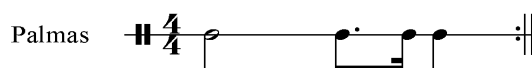


Fig.2.1:

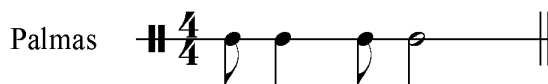
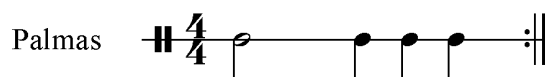


Fig.2.2:



#### 4.1.3 – Relatório da Sessão nº 3 – 02/03

Foi feita a repetição de ritmos da segunda parte da peça (parte B) do tema “Hino à Vida”, em grupos de três. Com a ajuda do teclado executou-se a canção toda, respeitando a sílaba tónica e cuidando a afinação. Cantou-se a canção com variações de andamento na parte final, para compreenderem a diferença entre *ritardando* e *accelerando*. Seguidamente, foi distribuída a peça “Hino à Vida”. Foram feitos exercícios de escrita e leitura de notas na pauta, tais como o jogo da “caça ao erro”, em que se escrevem notas na pauta com os nomes errados, e depois os alunos corrigem.

Nesta sessão foi valorizada a afinação empregue na entoação da canção assim como a capacidade dos alunos variarem os andamentos, compreendendo as diferenças entre *ritardando* e *accelerando*.

#### 4.1.4 – Relatório da Sessão nº 4 – 04/03

Foram tocados os acordes da peça no teclado, para recordarem o ambiente (tonalidade) em que a música estava escrita e os ajudar na afinação para cantarem. Primeiro em grupos e depois em conjunto, cantaram a peça com variações de andamento e dinâmica. Vários exercícios foram feitos com a melodia, com a sua dinâmica e andamento, com o objectivo de interiorizarem a letra, o ritmo e a melodia, reforçando sempre no fim o *ritardando*. Leram as notas da peça, por frases melódicas, batendo a pulsação com palmas.

Nesta sessão foram valorizadas as destrezas ao nível da afinação, rigor rítmico e melódico.

#### **4.1.5 – Relatório da Sessão nº 5 – 09/11**

De início, em grupo, os alunos treinaram a leitura das notas da peça. Depois do tempo estipulado para esse exercício, foi-lhes solicitado que lessem as notas em conjunto, com a preocupação de respeitarem os sinais de respiração. Cantaram a peça com os nomes das notas e depois com a letra, respeitando andamento e dinâmica.

Nesta sessão foi avaliada a capacidade de leitura das notas na pauta com as durações correctas.

#### **4.1.6 – Relatório da Sessão nº 6 – 11/03**

Primeiro ouviram a peça tocada no teclado; cantaram a melodia com os nomes das notas e a seguir com a letra, dando atenção à dinâmica e andamento.

Foi-lhes explicado o que era um *ostinato* rítmico e seguidamente foi-lhes sugerido que, em grupo, elaborassem um, podendo conjugar palmas, pernas e estalinhos no máximo de oito pulsações. Foi-lhes explicada a função do *ostinato* e que criariam os ritmos para acompanharem a canção. Nesta sessão a avaliação incidiu sobre a capacidade dos alunos trabalharem em grupo, de expressarem as suas opiniões e de registarem o que iam criando.

#### **4.1.7 – Relatório e materiais da Sessão nº 7 – 16/03**

No início da aula juntaram-se em grupos para dar continuidade ao trabalho iniciado na aula anterior. Alguns traziam já o *ostinato* pronto, pois tinham-no trabalhado fora da aula. Foram-lhes cedidos mais quinze minutos para o treinarem e depois apresentarem aos colegas. Feita a análise de cada *ostinato* apresentado, foi-lhes explicado porque alguns não poderiam ser considerados como tal, ou seja, como ritmos capazes de servirem de *ostinato*. Chegou-se à conclusão que o ritmo que devia ser escolhido para o efeito pretendido deveria ser aquele que fosse mais cómodo de ser praticado. Foi feita uma votação e o grupo vencedor obteve uma estrela. Foram escritos pela professora os *ostinatos* no quadro (Fig.1), para todos os copiarem

para o caderno. O *ostinato* vencedor (Fig.2) foi treinado em conjunto e, antes de terminar a aula, cantaram todos juntos a canção acompanhando-a com o *ostinato* vencedor.

Nesta aula foi avaliado a capacidade de transmitirem o trabalho que tinham elaborado, sobretudo a nível da pulsação e da criatividade.

Fig.1:



Fig.2:



Fig.3:



Fig.4:

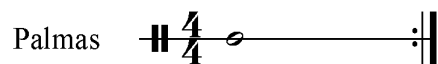


Fig.5:



#### **4.1.8 – Relatório da Sessão nº 8 – 18/03**

Ensaio da peça cantada com o acompanhamento do *ostinato* no local onde o evento irá decorrer.

A avaliação desta sessão incidiu na maneira como os alunos se conseguiram organizar, respeitando o espaço uns dos outros em palco, e como apresentaram a canção com o acompanhamento do *ostinato* rítmico.

## 4.2 – Planificação do módulo 2 para o 5º ano

Sessões entre **25 de Fevereiro e 18 de Março**, correspondendo a **quatro blocos de noventa minutos**.

<b>Conceitos/Conteúdos</b>	<b>Competências</b> (O aluno é capaz de...)	<b>Actividades</b>	<b>Avaliação</b>
<p><b>Forma:</b> binária e ternária;</p> <p><b>Ritmo:</b> Pulsação; contratempo (ponto de aumento e sincopa); Andamento Moderato; Compasso quaternário (tempos fortes e fracos); Ritardando;</p> <p><b>Dinâmica:</b> Forte, Piano, crescendo e diminuendo</p> <p><b>Altura:</b> Entre o Re 3 e o Re 4</p> <p><b>Timbre:</b> Realce tímbrico, vozes e instrumentos de sopro.</p>	<p>Reconhecer visual e auditivamente a forma binária e a forma ternária;</p> <p>Compreender a função do ponto de aumento;</p> <p>Ler e reproduzir os padrões rítmicos das peças trabalhadas;</p> <p>Manter a pulsação regularmente;</p> <p>Utilizar a flauta de bisel com técnicas correctas, ao nível da digitalização, articulação e dinâmica;</p> <p>Cantar colocando a voz correctamente;</p>	<p>Peças distribuídas: “Hino à Vida” e “Hino d’Alegria”;</p> <p>Leitura rítmica e melódica das peças musicais e realização de diversos exercícios rítmicos e melódicos de preparação para as peças a trabalhar;</p> <p>Cantar a 1ª peça com a voz colocada correctamente e respeitando as variações dinâmicas;</p> <p>Apresentação e explicação de Densidade Sonora;</p> <p>Tocar a segunda peça na flauta, compreendendo os compassos de espera, unicamente preenchidos pelo acompanhamento instrumental;</p> <p>Tocar a 2ª peça integralmente;</p> <p>Cantar a 1ª peça e tocar a 2ª no espaço próprio onde o evento vai decorrer.</p>	<p>Através da observação directa e registo em grelha individual serão avaliados os conteúdos entendidos como mais relevantes em cada sessão.</p>

#### 4.2.1 – Relatório e materiais da Sessão nº 1 – 25/02

Iniciou-se a aula com repetição de exercícios rítmicos (fig.1). Estes exercícios visavam já a preparação da peça que iria ser executada na aula. Exercícios a um e dois níveis corporais (palmas, e palmas e pernas), respectivamente. Foi feita a revisão dos tempos fortes e fracos de um compasso quaternário. Seguidamente, foi distribuída a peça “Hino à Vida”, tema da Marcha “Pompa e Circunstância”, de Edward Elgar (fig.2). É um arranjo que consta no manual do aluno (Música Viva, p. 89), assim como a letra introduzida. Realizou-se a leitura rítmica, respeitando a pulsação, dando ênfase à acentuação dos tempos em cada compasso. Primeiro, a turma toda, em segundo lugar por filas, utilizando o vocábulo “pan”. Foi solicitada a leitura dos versos a vários alunos. Em primeiro lugar, os que têm demonstrado uma melhor dicção, para servir de exemplo, seguidos de outros que eventualmente poderiam revelar algumas dificuldades, sobretudo porque a letra apenas se encontra escrita sob a melodia. Os alunos foram alertados para a importância de uma correcta acentuação das palavras na sílaba tónica pois o ritmo da própria canção respeita essa acentuação. Nessa altura procedeu-se à leitura do ritmo, associando-lhe a letra. Foram explicados o significado e a importância dos sinais de respiração.

É uma melodia escrita na tonalidade de La Maior e, para consciência do ambiente harmónico, foi executada no teclado. Foi-lhes igualmente referenciado que esse “ambiente” musical está expresso na armação de clave que, mais tarde, irão aprender. Foi-lhes ainda desvendado o significado das letras na parte de cima da pauta (cifras dos acordes). Para ambientar os alunos na tonalidade, começou-se por tocar a escala e alguns acordes nessa tonalidade que estavam indicados na peça e, logo a seguir, a melodia.

Os alunos começaram a trautear a melodia com os nomes das notas com o ritmo associado, num andamento razoavelmente lento mas confortável, para que conseguissem realizar o exercício sem quebras de andamento e, rapidamente, começaram a cantar a letra adaptada. Identificaram a forma da canção.

A canção foi cantada diversas vezes com variações de andamento e variações de dinâmica com o objectivo de interiorizarem tanto o ritmo como a melodia com a sua dinâmica e a letra, de forma eficaz e correcta. Foram feitos jogos entre grupos de alunos: enquanto um grupo cantava *forte* (*f*), o outro grupo cantava *piano* (*p*) e vice-versa. Depois, começavam *fortíssimo* (*ff*) iam decrescendo e terminavam *pianíssimo* (*pp*), não esquecendo o *ritardando* final.

Nesta sessão avaliaram-se os aspectos relacionados com a manutenção de uma pulsação regular e a identificação da forma.

Fig.1:

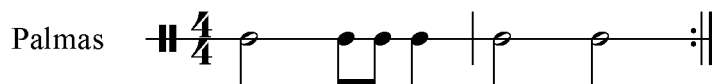


Fig.1.1:

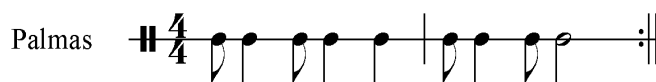


Fig.1.2:

Estalinhos

Palmas

Fig.1.3:

Palmas

Pernas

Fig.2:

Vozes

Can - te-mos à vi - da um hi-no d'a - mor na bo-c'um sor-ri - so na mão u - ma flor pr'al - can-çar a paz o ca-mi-nh'é lon - go mas tu és ca - paz

#### 4.2.2 – Relatório e materiais da Sessão nº 2 – 04/03

No início informou-se a turma que a aula iria ser dividida em quatro partes. Na primeira parte foi realizada a audição das frases melódicas da peça “Hino à Vida” tocadas no teclado. Explicou-se a harmonia e o realce tímbrico, o que precedeu a execução vocal da peça.

Detectadas as dificuldades manifestadas no canto, foram trabalhadas essas passagens, utilizando ritmos diferentes. Neste ponto, foi proposto e explicado aos alunos a modalidade de estudo cooperativo e colaborativo o qual foi aceite com entusiasmo. Iniciou-se então a segunda parte da aula. Foi-lhes igualmente informado que dispunham apenas da presente aula para superar algumas desafinações reveladas em certas passagens. Foram constituídos quatro grupos de quatro alunos (a turma tem dezasseis alunos).

Primeiro, a professora escolheu um aluno para cada grupo. A partir dessa escolha, foram os próprios alunos de cada grupo que escolheram os colegas para trabalhar. Estabeleceu-se logo no início que, na terceira parte da aula, cada grupo teria de cantar para avaliar a sua própria prestação, possibilitando aos demais a possibilidade de hetero avaliação. Quando chegou o momento da auto e hetero avaliação, os alunos demonstraram-se bastante responsáveis e coerentes nas suas opiniões, o que fez gerar uma saudável discussão crítica acerca dos pontos fracos e fortes de cada grupo. No entanto esta discussão teve de ser encurtada porque estava na hora da quarta parte da aula que era a distribuição da peça “Hino d` Alegria”(fig.1).

Primeiro a turma escutou o instrumental (faixa 5 do CD 1) que serviria de acompanhamento à peça, seguindo-o com a marcação da pulsação; só depois foi distribuída a música que iria ser tocada na flauta em simultâneo com a turma do 6º ano, no dia do evento.

Foi-lhes pedido que, devido à escassez de tempo para treinar na aula, fossem trabalhando em grupos, conforme os que foram associados para estudarem a peça vocal. Os alunos aceitaram esse trabalho, sobretudo porque já se tratava de uma peça do seu conhecimento e agrado.

Nesta sessão foi avaliado o empenho na superação das dificuldades sentidas na canção e na afinação com que a cantaram. Também a marcação correcta da pulsação da 2ª peça foi um elemento de avaliação nesta aula.

Fig.1:



#### 4.2.3 – Relatório e materiais da Sessão nº 3 – 11/03

No início da sessão os alunos reuniram-se conforme os grupos estabelecidos. Antes de começarem a tocar (porque era isso que desejavam logo fazer), foram realizados alguns exercícios rítmicos a dois e três níveis corporais, baseados nas células rítmicas das peças “Hino à Vida” (fig.1) e “Hino d`Alegria” (fig.2). De seguida foi-lhes solicitado que tocassem a peça, por grupos, com o objectivo de os colegas ouvirem e serem analisados os compassos ou as passagens que manifestassem mais dificuldades. Foi dado depois tempo para os grupos continuarem a estudar a peça, repetindo as passagens em que tinham mais dificuldades. Foi-lhes antecipadamente informado que, quinze minutos antes da aula terminar, deveriam tocar a peça integralmente. Os grupos tocaram individualmente a peça com o acompanhamento instrumental e, para terminar, tocaram-na todos juntos também com o instrumental. Como trabalho de casa foi-lhes solicitado que fizessem uma pesquisa sumária sobre os compositores das peças originais para apresentarem aos colegas na aula seguinte. Dois grupos, pesquisaram sobre Edward Elgar e os outros sobre L.V.Beethoven.

Nesta aula foi avaliada a maneira como os alunos reconheceram as suas dificuldades na execução instrumental, a maneira como se empenharam para superar as dificuldades e como tocaram em simultâneo com o instrumental de acompanhamento.

Fig.1:

Fig.1: Musical notation for Palmas and Pernas in 4/4 time. The Palmas part consists of a quarter note, followed by a quarter note with a stem down, a quarter note with a stem up, and a quarter note with a stem down. The Pernas part consists of a quarter rest, followed by a quarter note with a stem down, and a quarter note with a stem up. Both parts end with a double bar line and repeat dots.

Fig.2:

Fig.2: Musical notation for Estalinhos, Palmas, and Pernas in 4/4 time. The Estalinhos part consists of a quarter rest, followed by a quarter note with a stem down and a quarter note with a stem up. The Palmas part consists of a quarter note with a stem down, a quarter note with a stem up, a quarter rest, and a quarter note with a stem down. The Pernas part consists of a quarter note with a stem down, a quarter rest, a quarter note with a stem up, a quarter note with a stem down, a quarter note with a stem up, and a quarter note with a stem down. All parts end with a double bar line and repeat dots.

#### 4.2.4 – Relatório da Sessão nº 4 – 18/03

Esta sessão foi dividida em duas partes, simulando um concerto didáctico: na primeira, dois grupos apresentaram aos outros dois o que iriam tocar, começando por falar do compositor e das células rítmicas que mais se repetiam ao longo da peça. Apresentaram a peça integralmente (uma tocada com acompanhamento e a outra apenas cantada). Ensaíram as suas posições no palco, entradas e saídas. Para concluir a aula, deslocaram-se ao espaço próprio em que o evento irá decorrer para cantarem e tocarem as duas peças.

Nesta sessão avaliou-se o trabalho de pesquisa feito pelos grupos de trabalho, em que as informações de um grupo complementavam as do outro grupo, que tinham tido o mesmo compositor para pesquisar. Avaliou-se também o nível de *performance* que os alunos demonstraram na execução das peças.

### 4.3 – Planificação do módulo 2 para o 6º ano

Sessões entre **23 de Fevereiro e 18 de Março**, correspondendo a **oito tempos de quarenta e cinco minutos**.

<b>Conceitos/ Conteúdos</b>	<b>Competências</b> (O aluno é capaz de...)	<b>Actividades</b>	<b>Avaliação</b>
<p><b>Forma:</b> binária e ternária;</p> <p><b>Ritmo:</b> Pulsação; Ponto de aumentação; Andamento Moderato; Pausas; Anacrusa; Compasso quaternário (tempos fortes e fracos); Ligadura de valor/prolongação;</p> <p><b>Dinâmica:</b> Forte, Piano, crescendo e diminuendo;</p> <p><b>Altura:</b> Re 3 - Re 4; Harmonia e densidade sonora;</p> <p><b>Timbre:</b> Realce tímbrico; vozes e instrumentos de sopro.</p>	<p>Reconhecer visual e auditivamente a forma binária e ternária;</p> <p>Compreender a função do ponto de aumentação;</p> <p>Ler e reproduzir os padrões rítmicos trabalhados;</p> <p>Manter a pulsação regularmente;</p> <p>Utilizar a flauta de bisel com técnicas correctas, no que diz respeito à digitalização, articulação e níveis dinâmicos;</p> <p>Cantar com afinação e colocação correctas.</p>	<p>Peças distribuídas: “Não Há Estrelas no Céu” e “Hino d`Alegria”;</p> <p>Leitura rítmica e melódica das peças musicais;</p> <p>Apresentação e explicação de Densidade Sonora;</p> <p>Tocar as peças na flauta, compreendendo a indicação de silêncio (compassos de espera);</p> <p>Audição, com marcação da pulsação e identificação da forma da segunda peça;</p> <p>Conceito de harmonia e realce tímbrico;</p> <p>Tocar e cantar as peças integralmente;</p> <p>Prática instrumental e vocal das peças propostas, no espaço próprio em que o evento vai decorrer;</p> <p>Apresentação pública do trabalho desenvolvido nas sessões integrado nas comemorações do Centenário da República.</p>	<p>Através da observação directa e registo em grelha individual serão avaliados os conteúdos entendidos como mais relevantes em cada sessão.</p>

### 4.3.1 – Relatório e materiais da Sessão nº 1 – 23/02

Iniciou-se a aula com repetição de exercícios rítmicos (Fig.1). Estes exercícios visavam já a preparação da peça que iria ser trabalhada na aula. Exercícios a um e dois níveis (palmas, e palmas e estalinhos), respectivamente, com o cuidado de repartir os níveis utilizados consoante os tempos fortes ou fracos (tempos fortes com palmas e fracos com estalinhos). Foi então distribuída a peça “Não Há Estrelas no Céu” de Rui Veloso, com letra de Carlos Tê (Fig.2). Foi-lhes explicado que é um arranjo muito simples, para ser tocado na flauta de bisel.

Logo no início da peça constataram a entrada em anacrusa. Foi feita a revisão dos tempos fortes e fracos de um compasso quaternário. Realizou-se a leitura rítmica, respeitando a pulsação, dando ênfase à acentuação dos tempos em cada compasso. Primeiro, a turma toda, depois por filas, utilizando o vocábulo “pan”. Neste momento foram capazes de identificar a forma da peça.

Depois deste exercício, foi solicitado a um aluno, com mais facilidade na leitura e dicção, que lesse a letra da canção. Os alunos foram alertados para a importância da correcta acentuação das palavras na sílaba tónica pois o ritmo da própria canção iria respeitar essa acentuação. Nessa altura, procedeu-se à leitura do ritmo, associando-lhe a letra. Como era já uma canção conhecida, começaram logo a entoar, simultaneamente ao exercício proposto.

Porque a canção tem a letra dividida em quatro partes, fez-se um jogo: a turma foi dividida em quatro, aproveitando as filas de alunos existentes na sala e associando a cada uma delas uma parte da letra. Cada fila cantou uma parte da letra. Por último, foi analisada a densidade sonora da peça e lidas as notas (com o ritmo associado), num andamento razoavelmente lento mas confortável, para que os alunos conseguissem realizar o exercício sem quebras ou variações de andamento. Foram ainda tocadas na flauta as notas até ao segundo tempo do segundo compasso da segunda pauta (4º compasso da peça – frase melódica).

Nesta sessão a avaliação dos alunos incidiu sobretudo na capacidade destes identificarem a forma da peça e na reprodução por imitação das frases rítmicas.



7  
  
 ma no-ta no bol-so pra ci - gar-ros e bi-lhar a Pri - ma-ve-ra da vi-da é bo - ni-ta de vi-ver, tão de-

11  
  
 pres-sa o sol bri-lha co-mo'a se-guir 'stá cho-ver pa - ra mim ho - j'é Ja - nei - ro 'stá um

14 *D.C. al Coda*  
  
 fri-o de ra-char pa-re - ce que'o mun-d'in tei-ro se u - niu pra me tra-ma - a - ar \_\_\_\_\_

19  


Passo horas no café  
 Sem saber para onde ir  
 Tudo à volta é tão feio  
 Só me apetece fugir.  
 Vejo-me à noite ao espelho  
 O corpo sempre a mudar  
 De manhã ouço o conselho  
 Que o velho tem pra me dar.  
 Vou por aí às escondidas  
 A espreitar à janelas  
 Perdido nas avenidas  
 E achado nas vielas.  
 Não vês como isto é duro  
 Ser jovem não é um posto  
 Ter de encarar o futuro  
 Com borbulhas no rosto.  
 Porquê que tudo é incerto  
 Não poder ser sempre assim  
 Se não fosse o Rock and Roll  
 O que seria de mim

### **4.3.2 – Relatório da Sessão nº 2 – 25/02**

Iniciou-se a aula com a leitura melódica e rítmica da canção distribuída na sessão anterior, com o objectivo de recordar as notas e o ritmo com a acentuação correcta. Depois executou-se com o auxílio dos acordes principais, tocados no teclado. Foram tocadas na flauta as frases melódicas, do princípio ao fim da peça e explicou-se a harmonia e o realce tímbrico. Detectadas as dificuldades manifestadas na flauta, foram trabalhadas as passagens em que os alunos demonstravam mais dificuldades, utilizando ritmos diferentes. Neste ponto, foi proposto e explicado aos alunos a modalidade de estudo cooperativo e colaborativo o qual foi aceite com entusiasmo. Foi-lhes igualmente comunicado o número de sessões que dispunham para aprendizagem da peça. Inicialmente queriam eles próprios escolher os colegas mas, porque a experiência indicava que poderia haver segregação entre os alunos ou porque os grupos ficariam desequilibrados a nível de conhecimentos e competências ou por amizade, chegou-se a um acordo: a professora escolhia metade do grupo e depois eles escolheriam a outra metade.

Foram constituídos cinco grupos de quatro e um de três alunos (a turma tem vinte e três alunos). Primeiro a professora escolheu seis alunos com mais facilidade na execução instrumental, aos quais se reuniu mais um com manifestas dificuldades. A partir daqui, foram os dois alunos de cada grupo que escolheram os restantes elementos.

Nesta sessão a avaliação incidiu na capacidade de afinação dos alunos, e na correcta dicção das palavras do texto.

### **4.3.3 – Relatório da Sessão nº 3 – 02/03**

No início da sessão os alunos reuniram-se conforme agrupados na aula anterior. Foi-lhes solicitado que tocassem a primeira parte da peça, por grupos, com o objectivo dos colegas ouvirem e analisarem os compassos ou as passagens que manifestassem mais dificuldades. De seguida, a professora solicitou aos alunos que tinham sido escolhidos em primeiro lugar (ou seja, os primeiros seis seleccionados pela própria professora no início da constituição dos grupos,) para tocarem conjuntamente. Foi dado depois tempo para os grupos estudarem a peça, repetindo as passagens em que tinham mais dificuldade. Foi-lhes antecipadamente informado que, quinze minutos antes da aula terminar, deveriam tocar a peça integralmente. Cada grupo dividir-se-ia: uns tocavam e outros cantavam e depois trocavam.

Os grupos tocaram e cantaram e a sua *performance* foi analisada e avaliada pelos restantes grupos, com o objectivo de procederem à auto-avaliação e melhorarem as suas próprias prestações.

Esta sessão teve como principal ponto de avaliação a competência dos alunos a nível da auto e hetero avaliação.

#### **4.3.4 – Relatório da Sessão nº 4 – 04/03**

Esta foi a última sessão para preparação da peça com apresentação de cada grupo aos restantes elementos da turma. Os grupos trabalharam a peça integralmente, na sua vertente instrumental. Seguidamente, todos os grupos tocaram em simultâneo na flauta. Depois, foi pedido a cada grupo que elegeisse dois colegas para tocar enquanto todos os outros cantavam. Na repetição, trocaram-se os elementos que tocavam pelos que cantavam, e vice-versa. Por último, foi-lhes pedido que indicassem os colegas que preferiam cantar e aqueles que preferiam tocar para formar, definitivamente, o conjunto final para apresentação na data do evento.

Nesta sessão foi avaliada a performance dos alunos ao nível do rigor melódico, rítmico e de afinação.

#### **4.3.5 – Relatório e materiais da Sessão nº 5 – 09/03**

Iniciou-se a aula com repetição de exercícios rítmicos (Fig.1). Estes exercícios visavam já a preparação da peça que iria ser executada na aula. Exercícios a um, dois e três níveis (palmas, palmas e estalinhos e palmas, pernas e estalinhos), respectivamente. Foi distribuída a peça “Hino d’Alegria” (Fig.2), a ser executada com acompanhamento instrumental (faixa 5 do CD 1.) Em primeiro lugar procedeu-se à audição do instrumental com marcação da pulsação, com o objectivo de reconhecer a forma da peça e dos alunos se familiarizarem com o seu andamento.

Sendo uma peça que os alunos já tinham ouvido ser tocada por outros colegas (inclusive do primeiro ciclo), a dificuldade residia precisamente nas partes que se repetiam no *play back*. Os alunos deveriam estar muito atentos para compreenderem o acompanhamento e intervirem no tempo exacto. No entanto, como os alunos nunca a tinham tocado, pelo menos integralmente, procedeu-se à análise/trabalho da peça como é habitual: leitura rítmica em

curtas frases de quatro compassos. Tiveram a oportunidade de se confrontarem novamente com a semínima pontuada. Na segunda parte da música (a partir do nono compasso) denotou-se uma acentuada dificuldade devido à passagem rápida do 3º - 4º - 3º dedos. Precisamente nessa passagem, verificaram a existência de uma ligadura mas agora de expressão (ligadura diferente da peça anterior). Foi ainda realçada a importância dos sinais de respiração.

Combinou-se com a turma que esta peça seria também estudada de forma semelhante à anterior, em grupos, com base no método cooperativo e colaborativo e os mesmos grupos que tinham sido constituídos anteriormente. Os alunos demonstraram vontade de os alterar; de trabalharem com outros colegas. Percebeu-se ser essa uma tentativa para puxarem a si os seus “interesses da brincadeira” o que não foi aceite. No entanto, foi combinado que mediante o sucesso na apresentação, eles poderiam ou não escolher os grupos para o estudo da próxima peça.

Nesta sessão foi avaliada a capacidade dos alunos manterem o andamento e identificarem a forma da peça.

Fig.1:



Fig.1.1:

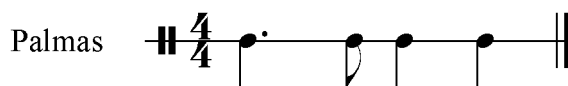


Fig.1.2:

Estalinhos

Palmas

Fig.1.3:

Estalinhos

Palmas



#### **4.3.6 – Relatório da Sessão nº 6 – 11/03**

Porque a organização e o método de trabalho a seguir estava perfeitamente percebido, foi sugerido à turma que se deslocasse para o campo de jogos para, mais livremente, estudar a peça. Foi frisado que deveriam contar os tempos mentalmente sempre que sabiam que tinham momentos de pausa durante o *play back* e, os últimos dez minutos da aula, seriam para, na sala, tocar todos em conjunto com o acompanhamento.

Nesta sessão avaliou-se a capacidade dos alunos se concentrarem na aprendizagem, na interação e inter-ajuda num ambiente diferente do habitual.

#### **4.3.7 – Relatório da Sessão nº 7 – 16/03**

Cada grupo tocou individualmente com o acompanhamento e a sua *performance* foi analisada e avaliada pelos restantes. O objectivo centrou-se na capacidade de os alunos procederem à auto-avaliação para melhoramento das suas próprias prestações e na pertinência das críticas dos colegas. No final do exercício, a turma tocou em conjunto com o acompanhamento mas já organizada conforme se apresentarão no dia do evento. Foram ensaiadas as entradas e saídas do palco.

Nesta sessão, foi apreciada a maneira como os alunos julgam a *performance* dos colegas e a sua própria; as críticas que fazem e as recomendações para melhorarem.

#### **4.3.8 – Relatório da Sessão nº 8 – 18/03**

Ensaio geral: prática instrumental e vocal das peças propostas, no espaço próprio em que o evento vai decorrer.

Nesta sessão foi avaliada a capacidade de concentração e empenho nas actividades propostas.

#### **4.4 – Reflexão final do Módulo 2**

As sessões relativas ao desenvolvimento deste módulo permitiram mostrar aos alunos que é possível aprender de forma diferente, divertida mas responsável. Através do modelo cooperativo e colaborativo, os alunos aprenderam a ser mais responsáveis pelo seu próprio trabalho. O seu empenho implicaria o sucesso do grupo para além do individual e, apesar de não ser simples organizar os alunos em grupos homogéneos, à medida que desenvolviam as actividades propostas, iam igualmente amadurecendo a sua autonomia para atingir os objectivos. Alguns demonstravam espírito de liderança o que, no início do ano lectivo, era empregue de forma pouco correcta nas aulas. A pouco e pouco começaram a canalizar esse sentido para as actividades das aulas, ajudando mesmo a professora na organização das actividades e até no dia da apresentação revelaram capacidade de organização e de colaboração. Alunos mais tímidos, através deste conjunto de estratégias, demonstraram crescentes níveis de auto-confiança.

#### **5 - Introdução ao Módulo 3:**

As sessões que constituem o módulo 3, nos três níveis de ensino, têm como principal objectivo a apresentação pública, no dia 18 de Junho, para comemoração do encerramento do Ano Lectivo.

Neste conjunto de sessões será testada a eficácia das estratégias de ensino e aprendizagem baseadas no método colaborativo e cooperativo. Apesar de a implementação já ter sido iniciada anteriormente, são estratégias a que os alunos não estão habituados. Logo, a sua adaptação é algo morosa. No entanto, surtiram efeito positivo no módulo anterior e agora, com o sistema interiorizado, o rendimento na aprendizagem será, com certeza, melhor e simultaneamente, o sucesso será maior pelo que terá repercussões muito positivas junto dos alunos, sobretudo daqueles que revelavam uma auto-estima mais fraca. O sucesso será a alavanca impulsionadora da motivação para os alunos a quem essa característica faltava e que é primordial para se aprender. A par destes aspectos, o facto de se associar aos conteúdos a leccionar, actividades apontadas como do interesse pessoal dos alunos, ajudarão a fomentar também a motivação para a aprendizagem.

### 5.1 – Planificação do módulo 3 para o 3º ano

Sessões entre **04 de Junho e 17 de Junho**, correspondendo a **quatro tempos de quarenta e cinco minutos**.

<b>Conceitos/ Conteúdos</b>	<b>Competências</b> (O aluno é capaz de...)	<b>Actividades</b>	<b>Avaliação</b>
<p><b>Forma:</b> binária;</p> <p><b>Ritmo:</b> Pulsação;</p> <p>Padrão rítmico;</p> <p>Compasso ternário;</p> <p>Andamento Moderato e Presto;</p> <p><b>Dinâmica:</b></p> <p>Forte, Piano, crescendo e diminuendo</p> <p><b>Altura:</b></p> <p>Entre o Dó 3 e o Dó 4;</p> <p><b>Timbre:</b></p> <p>Realce tímbrico: vozes.</p>	<p>Reconhecer auditivamente a forma binária;</p> <p>Ler e reproduzir os padrões rítmicos das peças trabalhadas;</p> <p>Manter a pulsação regularmente;</p> <p>Cantar afinadamente e colocar a voz correctamente;</p> <p>Marcar e manter o andamento da peça.</p>	<p>Peça distribuída: “Menina Estás à Janela”;</p> <p>Repetição de ritmos a vários níveis corporais tendo por base as células rítmicas utilizadas na peça;</p> <p>Leitura das quadras da canção com acentuação rítmica e com boa dicção da língua portuguesa;</p> <p>Realização de diversos exercícios melódicos de preparação;</p> <p>Audição do instrumental que vai acompanhar a peça, com marcação da pulsação;</p> <p>Cantar a canção com a aplicação da dinâmica e do andamento correctos.</p>	<p>Através da observação directa e registo em grelha individual serão avaliados os conteúdos entendidos como mais relevantes em cada sessão.</p>

### 5.1.1 – Relatório e materiais da Sessão nº 1 – 04/06

Os alunos realizaram por imitação a repetição de frases rítmicas a um nível corporal (fig.1), baseadas na introdução da peça: “Menina estás à janela” (fig.2). Primeiro leram as notas, marcando a pulsação com o lápis na mesa. A seguir, tocaram-na na flauta, por frases melódicas, lentamente, repetindo as passagens mais difíceis. Ouviram o *play back* dessa canção (Faixa 7 do CD 1 – arranjo da Midiarte) e, revelando bastante entusiasmo, manifestaram a vontade de começar logo a cantar. Foi combinado então que iriam tocar só a parte da introdução na flauta e que depois cantariam o refrão. Foi-lhes ainda explicado que se juntariam às turmas dos 5º e 6º anos para cantar e tocar o tema, o que os deixou muito entusiasmados mas ao mesmo tempo com receio de não serem capazes de os acompanhar. Conversámos sobre o assunto, e os receios foram ultrapassados porque a música lhes agradava bastante.

Nesta sessão foi avaliada a capacidade de realizarem por imitação a repetição dos ritmos propostos e a leitura correcta da notação musical da introdução da peça.

Fig.1:

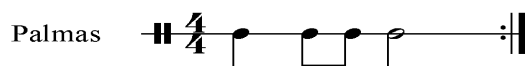


Fig.1.1:

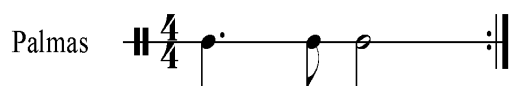


Fig.2:

Flauta 

Jogo de sinos

Metalofone alto

The image displays a musical score for three instruments: FL (Flute), JS (Jazz Saxophone), and MA (Maracas). The score is organized into three systems, each starting at a specific measure number: 6, 11, and 16. Each system contains three staves, one for each instrument. The first system (measures 6-10) shows the flute playing a melodic line, the saxophone playing a rhythmic accompaniment, and the maracas providing a steady beat. The second system (measures 11-15) continues the melodic and rhythmic development. The third system (measures 16-18) features first and second endings for all three instruments, indicated by '1.' and '2.' above the staves. The notation includes various note values, rests, and articulation marks.

### 5.1.2 – Relatório e materiais da Sessão nº 2 – 08/06

A aula começou com execução, na flauta, da introdução da peça “Menina estás à janela”. A seguir fizeram a leitura do texto da canção (fig.1), em pares, cuidando para que a acentuação fosse feita correctamente. Depois de terem feito essa leitura, leram novamente o texto de forma audível, dois versos cada um, para que os colegas ouvissem e se pronunciassem acerca da dicção. Colocou-se o *play back*, que faz a ligação entre a introdução

na flauta, num andamento lento, e o refrão, num andamento rápido. Importava associar a letra à melodia e ao ritmo, respeitando a pulsação e a dinâmica. Cantaram a melodia com o vocábulo *lá*, para melhor a interiorizarem.

Informou-se os alunos do que foi combinado com a turma do 6º ano: reunião à hora do almoço, na sala de música, para ensaio em conjunto. Todos os alunos se mostraram disponíveis e receptivos à ideia e ainda mais entusiasmados pelo facto de irem tocar e cantar com colegas mais velhos; sentiram-se prestigiados, apesar de sentirem o peso da responsabilidade. Foi-lhes sugerido que trabalhassem a peça na flauta e que tentassem decorar a letra da canção, aproveitando o facto de, o feriado (dia 10), levar a uma semana sem aula.

Nesta sessão foi avaliada a capacidade de execução, na flauta, da introdução da peça em estudo.

Fig.1:

Menina estás à janela

Com o teu

Cabelo à lua

Não me vou

Daqui embora

Sem levar

Uma prenda tua

Sem levar

Uma prenda tua

Sem levar

Uma prenda dela

Com o teu

Cabelo à lua

Menina estás à janela.

### **5.1.3 – Relatório da Sessão nº 3 - 15/06**

No início da aula foram feitos exercícios de aquecimento vocal para preparar as vozes para o canto. Foram entoadas frases melódicas baseadas nas frases melódicas do refrão com o objectivo de apreenderem correctamente a melodia e ser mais fácil cantarem a letra correspondente. Seguidamente e à semelhança da aula anterior, entoaram a melodia com o vocábulo *la*. Depois, associaram a melodia à letra, também por frases melódicas, dando atenção às respirações, com ajuda da professora a tocar a melodia no teclado. Posteriormente, foi colocado o *play back* para cantarem em simultâneo. Por fim, tocaram na flauta a introdução e cantaram, tudo com o *play back*, trabalhando agora as dinâmicas.

Nesta sessão foi avaliada a afinação vocal dos alunos e a capacidade de respeitarem as diferentes dinâmicas e andamentos da música.

### **5.1.4 – Relatório da Sessão nº 4 - 17/06**

Têm sido feitos grandes progressos sobretudo pela cooperação dos alunos uns com os outros, mesmo de anos diferentes.

Cantou-se e tocou-se a canção com o *play back*.

Nesta sessão, foi avaliada a *performance* musical e o empenho com que os alunos se envolveram na actividade.

## 5.2 – Planificação do módulo 3 para o 5º ano

Sessões entre **27 de Maio e 17 de Junho**, correspondendo a **quatro blocos de noventa minutos**.

<b>Conceitos/Conteúdos</b>	<b>Competências</b> (O aluno é capaz de...)	<b>Actividades</b>	<b>Avaliação</b>
<p><b>Forma:</b> binária;</p> <p><b>Ritmo:</b> Pulsação; Padrão rítmico; Compasso ternário e quaternário Andamento Moderato e Presto;</p> <p><b>Dinâmica:</b> Forte, Piano, crescendo e diminuendo;</p> <p><b>Altura:</b> Dó 3 - Dó 4;</p> <p>Harmonia a duas vozes;</p> <p><b>Timbre:</b> Realce tímbrico, vozes e instrumentos de altura definida (flauta de bisel.</p>	<p>Reconhecer auditivamente a forma binária;</p> <p>Ler e reproduzir os padrões rítmicos das peças trabalhadas;</p> <p>Manter a pulsação com regularidade;</p> <p>Cantar colocando a voz correctamente;</p> <p>Identificar e marcar o andamento das peças.</p>	<p>Peças distribuídas: “Valsa Alegre” e “Menina Estás à Janela”;</p> <p>Repetição de ritmos a vários níveis corporais tendo por base as células rítmicas utilizadas nas peças;</p> <p>Leitura das duas vozes, separadamente, da peça “Valsa Alegre”;</p> <p>Dividir a turma em dois grupos e cada grupo interpreta na flauta, a sua voz;</p> <p>Leitura das quadras da 2ª canção com acentuação rítmica e com boa dicção da língua portuguesa;</p> <p>Realização de diversos exercícios melódicos de preparação para as duas peças a trabalhar;</p> <p>Audição do instrumental que vai acompanhar a 2ª peça, com marcação da pulsação.</p>	<p>Através da observação directa e registo em grelha individual serão avaliados os conteúdos entendidos como mais relevantes em cada sessão.</p>

### 5.2.1 – Relatório e materiais da Sessão nº 1 – 20/05

Os alunos fizeram repetição de ritmos a um (fig.1 e 1.1) e dois níveis, (fig.2 e 2.1) por imitação, baseados nas células rítmicas da peça a distribuir. Estes exercícios visaram sobretudo a vivência da mínima pontuada.

Foi distribuída a peça para duas flautas “Valsa Alegre” (fig.3).

Foram lidas as notas da primeira voz (voz superior), com a marcação da pulsação. No final da leitura conseguiram identificar a forma da peça: ternária, ABB`A. De seguida tocaram a 1ª voz da parte A na flauta. A professora tocou as duas vozes da parte A no teclado e fizeram a leitura da 2ª voz. Posteriormente tocaram a 2ª voz na flauta. Juntaram-se em grupos de dois para estudarem cada par a sua voz da parte A com apoio da professora. Findo o limite dado para estudarem a 1ª voz, tocaram-na todos juntos, por frases melódicas. Depois trabalharam a 2ª voz nos mesmos moldes. No final, voltaram a tocá-la todos juntos, por frases melódicas.

O objectivo de tocarem a peça por frases melódicas é resolver, através de repetição, as passagens que revelavam maiores dificuldades. Depois de a trabalharem por frases, voltaram a tocar do princípio ao fim, num andamento lento. No entanto a professora recomendou que estudassem em casa, no sentido de chegarem ao andamento certo, uma vez que depois a iriam tocar com os colegas do 6º ano. Esta novidade trouxe-lhes alguma instabilidade mas em simultâneo muito entusiasmo porque nunca tinham experimentado tocar com outros colegas.

Ainda antes de terminar a aula, foi colocado o *play back* da canção “Menina estás à janela” (faixa 6 do CD 1) para a turma ainda ficar mais entusiasmada pois foram informados que também iriam tocar esta canção com o 6º ano, embora apenas a parte da introdução.

Nesta sessão avaliou-se a identificação da forma da peça e a leitura das notas na pauta referentes à parte A.

Fig.1:



Fig.1.1:

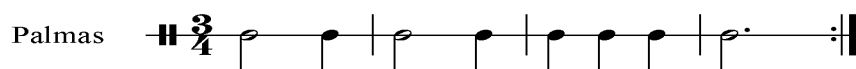


Fig.2:

Palmas

Pernas

Fig.2.1:

Palmas

Pernas

Fig.3:

Flauta

9

17

### 5.2.2 – Relatório e materiais da Sessão nº 2 - 27/05

Iniciou-se a aula com a repetição de ritmos a um e dois níveis corporais (fig.1), através de imitação, baseados nas células rítmicas da introdução da peça “Menina estás à janela”. Foi distribuída a parte instrumental referente à introdução que a turma iria tocar na flauta. Formaram-se grupos para estudar a peça: ler as notas, os ritmos e tocar na flauta.

Ao longo do trabalho que os alunos foram desenvolvendo, a professora foi esclarecendo junto dos grupos algumas dúvidas que iam surgindo sobretudo ao nível rítmico. Findo o tempo limite para esse trabalho, cada grupo tocou conforme tinha interpretado para que os colegas dos outros grupos ouvissem e corrigissem eventuais erros que iam fazendo. No final da execução de cada grupo tocaram todos juntos, primeiro sem e depois com o *play back*, tendo o cuidado de respeitarem o andamento. Voltaram a tocar a peça “Valsa Alegre” antes de terminar a aula.

Nesta sessão foi avaliada a forma como os alunos interagiram uns com os outros no sentido de colaborarem e cooperarem para aprender a tocar.

Fig.1:

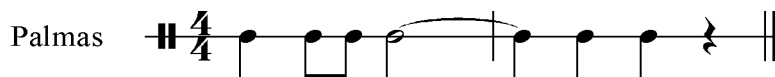


Fig.1.1:

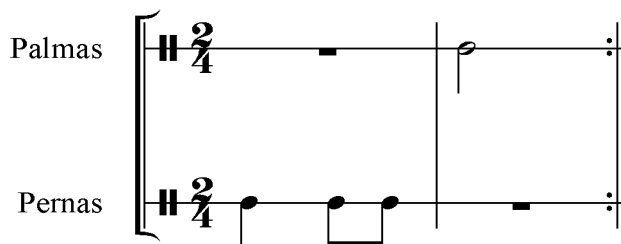


Fig.2:

Palmas

Pernas

Fig.2.1:



### 5.2.3 – Relatório da Sessão nº 3 - 03/06

A aula começou com a distribuição da letra do refrão da canção “Menina estás à janela” (ver fig.1 da Sessão 2 do módulo 3 do 3º ano). Foi colocado o *play back* para os alunos tocarem a introdução e cantarem a parte seguinte. Foi trabalhada a melodia da parte vocal para corrigir algumas passagens em que a afinação estava menos correcta.

A aula baseou-se no estudo por grupos da “Valsa Alegre” e de “Menina estás à janela”. Depois desse estudo em grupo, os alunos tocaram para os colegas avaliarem a sua *performance*.

### 5.2.4 – Relatório da Sessão nº 4 - 17/06

Esta turma já tem trabalhado com as turmas do 3º e 6º anos à hora do almoço, para tocarem e cantarem conjuntamente, daí os resultados serem já bastante satisfatórios a nível das *performances* vocais e instrumentais. Na aula de hoje, dirigimo-nos ao espaço onde o evento vai decorrer, para ensaiar a entrada e saída do palco e os lugares que vão ocupar. Tocaram no palco e cantaram, e a sua prestação performativa a nível vocal e de dinâmica, foram os principais aspectos avaliados.

### 5.3 –Planificação do Módulo 3 para o 6º ano:

Sessões entre **25 de Maio e 17 de Junho**, correspondendo a **oito tempos de quarenta e cinco minutos**.

<b>Conceitos/ Conteúdos</b>	<b>Competências</b> (O aluno é capaz de...)	<b>Actividades</b>	<b>Avaliação</b>
<p><b>Forma:</b> binária e ternária;</p> <p><b>Ritmo:</b> Pulsação; Padrão rítmico; Compasso ternário e quaternário</p> <p>Andamento Moderato e Presto;</p> <p><b>Dinâmica:</b> Forte, Piano, crescendo e diminuendo</p> <p><b>Altura:</b> Dó 3 - Dó 4; Intervalos harmónicos e melódicos; Tom e meio-tom; Polifonia a duas vozes;</p> <p><b>Timbre:</b> Realce tímbrico, vozes e instrumentos de altura definida (flauta de bisel).</p>	<p>Reconhecer auditiva e visualmente as formas;</p> <p>Ler e reproduzir os padrões rítmicos das peças trabalhadas;</p> <p>Manter a pulsação regularmente;</p> <p>Distinguir intervalo melódico e harmónico: de 3M ,3m, 2M, 2m e unísono;</p> <p>Utilizar correctamente os instrumentos de altura indefinida seleccionados;</p> <p>Cantar colocando a voz correctamente;</p> <p>Identificar e sentir o andamento das peças.</p>	<p>Peças distribuídas: “Valsa Alegre” e “Menina Estás à Janela”;</p> <p>Repetição de ritmos a vários níveis corporais tendo por base as células rítmicas utilizadas nas peças;</p> <p>Distinção de intervalos melódicos e harmónicos utilizados na peça;</p> <p>Leitura das duas vozes, separadamente, da peça “Valsa Alegre”;</p> <p>Divisão da turma em dois grupos para trabalho das duas vozes;</p> <p>Leitura das quadras da 2ª canção com acentuação tónica e cuidado na dicção;</p> <p>Realização de diversos exercícios melódicos de preparação para as duas peças a trabalhar;</p> <p>Audição do instrumental que vai acompanhar a 2ª peça, com marcação da pulsação;</p> <p>Apresentação pública, do trabalho desenvolvido nas sessões, integrado nas comemorações de Encerramento.</p>	<p>Através da observação directa e registo em grelha individual serão avaliados os conteúdos entendidos como mais relevantes em cada sessão.</p>

### 5.3.1 – Relatório e materiais da Sessão nº 1 – 20/05

Foi distribuída a peça para duas flautas “Valsa Alegre” (fig.1). Primeiro foi feita a análise da peça: os alunos reconheceram o compasso (ternário) que, no aspecto rítmico, é muito simples, utilizando apenas semínimas e mínimas, podendo ser estas pontuadas.

Foram lidas as notas da primeira voz (voz superior), com a marcação da pulsação. No final da leitura das notas conseguiram identificar a forma da peça: ternária - ABB`A. De seguida, tocaram a 1ª voz da parte A na flauta. Sucedeu-se a 2ª voz. Analisou-se a que distância se encontrava da 1ª voz; sempre em terceiras, ora menores ora Maiores. A professora tocou as duas vozes desta parte A no teclado e lembrou os intervalos Maiores e menores. Recordou-se o que eram intervalos melódicos e harmónicos e analisaram-se melodicamente os intervallos da peça (partes A e B) e harmonicamente os intervallos da parte A.

Sugeriu-se aos alunos que lessem em casa a parte da 2ª voz.

Nesta sessão avaliou-se a identificação da forma da peça e a identificação dos intervallos Maiores e menores.

Fig.1:

Flauta

The musical score for Flauta is presented in three staves. The first staff, labeled 'Flauta', is in 3/4 time and contains measures 1 through 8, ending with a double bar line and the word 'Fine'. The second staff begins at measure 9 and contains measures 9 through 16, with a first ending bracket spanning measures 12 to 16. The third staff begins at measure 17 and contains measures 17 through 20, with a second ending bracket spanning measures 17 to 20. The notation consists of quarter notes and eighth notes, with some notes beamed together.

### **5.3.2 – Relatório da Sessão Nº 2 - 25/5**

Iniciou-se a aula com a leitura das notas da 2ª voz da peça “Valsa Alegre”. A seguir juntaram-se em grupos para estudarem a 1.ª e 2ª voz. A professora sugeriu que também estudassem a parte B, embora sem juntarem as vozes da parte A. Conforme combinado, os grupos puderam fazer algumas alterações entre os seus elementos, visto manifestarem indícios de boa cooperação e terem demonstrado um bom trabalho no desenvolvimento do módulo anterior. No entanto a professora ressaltou que, se houvesse retrocesso na relação, teriam que voltar aos grupos iniciais.

Quinze minutos antes do final da aula cada grupo tocou as duas partes, em separado, e concluiu-se que já estavam preparados para juntar as duas vozes da parte A. No entanto a professora lembrou que, se durante todos estes dias até à próxima aula não voltassem a tocar, seria natural que se esquecessem e todo o trabalho que tinham desenvolvido na aula de hoje teria sido em vão. Daí ser muito importante tocar durante a semana, em casa ou no recreio, sozinhos ou com algum colega, para que não se esquecessem do que tinham aprendido na aula.

Nesta sessão foi avaliada a prestação performativa de cada grupo relativamente a cada parte da peça.

### **5.3.3 – Relatório e materiais da Sessão nº 3 - 01/06**

Por ser dia da Criança, a aula foi diferente. Foi disposta uma mesa com um lanche no recreio em frente à sala mas, primeiro, houve um mini-concerto: a turma tocou a “Valsa Alegre” já a duas vozes, metade da turma a 1ª voz e a outra metade a 2ª. Não correu muito bem porque estavam todos muito agitados e queriam sobretudo ouvir música, dançar e comer. A professora colocou alguns Cd`s que os alunos trouxeram e também aproveitou para colocar o Cd dos Xutos e Pontapés, com a canção “Menina estás à Janela” (Faixa 6 do CD 1) e disse-lhes que a iriam tocar na festa do final do ano. No final da festa, antes de se irem embora, a professora distribuiu aos alunos a introdução que iria ser tocada na flauta, para eles estudarem em casa e se irem familiarizando com a peça (Fig.1:extracto da peça que se irá apresentar na sessão seguinte, na íntegra).



Fig.1:

Flauta

Jogo de sinos

Metalofone alto

6

FL

JS

MA

11

FL

JS

MA

16

1. 2.

FL

1. 2.

JS

1. 2.

MA

### **5.3.5 – Relatório da Sessão nº 5 – 04/06**

Iniciou-se a aula executando na flauta a parte da introdução da peça “Menina estás à janela”. Seguidamente fez-se a leitura das notas da flauta da parte do refrão, marcando a pulsação com o lápis na mesa. Depois tocaram na flauta. Colocou-se o *play back* porque este faz a ligação entre a introdução na flauta, andamento lento, e o refrão, andamento rápido. No refrão, juntam-se também os outros instrumentos. Foram seleccionados os alunos para os tocar, atribuindo àqueles que revelam mais dificuldade na leitura das notas, os instrumentos de percussão de altura indefinida, assim como aqueles a quem foi mais difícil motivar para a prática. Foram, curiosamente, esses alunos que se ofereceram para a caixa, para os tambores, para os bongós, e para os outros instrumentos de altura indefinida. Coube-lhes a responsabilidade de improvisarem um ritmo adequado à peça.

O David, aluno que no início do ano era muito difícil de cativar, assistia agora a professora, organizando os colegas e propondo a ordem necessária para o bom desenvolvimento do trabalho. Não deixava que se desorganizassem porque sentia apoio e confiança por parte da professora. Outros, que haviam manifestado uma baixa auto-estima, viram a restituição da auto-confiança, encorajando-se a participar com mais entusiasmo na actividade, pelo facto de lhes ser confiado um instrumento e colocada a responsabilidade de eles próprios improvisarem um acompanhamento.

No entanto, o facto de a aula ser apenas de 45 minutos, limitou substancialmente a actividade performativa. Os próprios alunos sugeriram que deviam reunir à hora do almoço, todos os dias, para maior desenvolvimento do trabalho. Os alunos abdicarão de meia hora, a partir de hoje, todos os dias até à apresentação do trabalho, para ensaiarem. Combinou-se ainda que a professora iria falar também com os alunos do 3º e do 5º ano para se juntarem a esses ensaios.

Nesta sessão foi avaliada a leitura das notas do refrão da peça “Menina estás à janela”, com a marcação da pulsação.

### **5.3.6 – Relatório e materiais da Sessão nº 6 – 08/06**

Os ensaios à hora do almoço têm contribuído em muito para o desenvolvimento do trabalho. Para maior rentabilização, combinou-se que num dia se juntava o 3º ano e noutro o

5°. Durante mais dois ou três dias será assim, até porque o 3° ano, sendo do 1° ciclo, começa as aulas às 13.30h.

Hoje o ensaio na aula foi dirigido praticamente pelo David. Pela responsabilidade, estava muito excitado; achava que ele é que sabia tocar os instrumentos todos e zangava-se com os colegas por não corresponderem. A professora obrigou-se a falar com ele, no sentido de o acalmar e de lhe fazer entender que os colegas também estavam a dar o seu melhor.

Nesta sessão foi avaliada a capacidade de liderança de alguns alunos, incentivada pela motivação, assim como o esforço da turma em atingir os objectivos propostos.

Fig.1:

Musical notation for Triângulo and Pratos in 2/4 time. The Triângulo part consists of four measures: a quarter note, a quarter note, a half rest, and a quarter note. The Pratos part consists of four measures: a half rest, a quarter note, a half rest, and a quarter note. Both parts end with a repeat sign.

Fig.1.1:

Musical notation for Clavas, Bongós, and Tamborim in 4/4 time. The Clavas part consists of four measures: a quarter note, a quarter rest, a quarter rest, and a quarter rest. The Bongós part consists of four measures: a quarter note, a quarter note, a quarter note, and a quarter note. The Tamborim part consists of four measures: a quarter rest, a quarter note, a quarter rest, and a quarter note. All parts end with a repeat sign.

Fig.1.2:

Musical notation for Pandeireta c/Pele, Tambor, and Caixa in 2/4 time. The Pandeireta c/Pele part consists of four measures: a quarter note, a quarter note, a quarter note, and a quarter note. The Tambor part consists of four measures: a quarter note, a quarter rest, a quarter note, and a quarter note. The Caixa part consists of four measures: a quarter note, a quarter note, a quarter note, and a quarter note. All parts end with a repeat sign.

### **5.3.7 – Relatório da Sessão nº 7 – 15/06**

Repetir, repetir, repetir é o que tem sido feito. Para se aprender a tocar um instrumento é preciso repetir, insistir. Só agora os alunos se aperceberam da necessidade da prática sistemática. Esta alteração de atitude é um importante salto qualitativo dado que, no início do ano, a motivação para as actividades desta disciplina estava muito aquém do limite mínimo necessário para se encetarem novas aprendizagens. Parece claro que o trabalho desenvolvido durante o ano lectivo se revelou frutífero no sentido de alterar a opinião dos alunos face à disciplina de Educação Musical. Neste momento os alunos sentem que o seu esforço e empenho vão resultar numa *performance* de aceitável qualidade.

Nesta sessão foi avaliada a motivação revelada pela turma nas actividades propostas.

### **5.3.8 – Relatório da Sessão nº 8 - 17/06**

Depois de feita a auto e hetero-avaliação, realizou-se o ensaio geral: prática instrumental e vocal das peças propostas, no espaço próprio em que o evento vai decorrer. No final deste módulo já não será possível aplicar um último questionário aos alunos para aferir o seu nível de motivação face à disciplina porque o ano lectivo terminará com a acção performativa do dia 18, último dia de aulas.

Nesta sessão avaliou-se a prestação vocal e instrumental dos alunos a nível das destrezas melódicas, rítmicas e de afinação vocal.

## **5.4– Reflexão final do Módulo 3**

Foi com agrado que se verificou que todos os alunos em geral revelaram bastante satisfação pelas actividades desenvolvidas ao longo do 3º período. À medida que iam correspondendo às expectativas da professora, esta ia proporcionando a possibilidade de eles próprios, sobretudo os que revelaram de início comportamentos inadequados para a aprendizagem ou porque estavam desmotivados, ou porque tinham um comportamento menos aceitável ou porque eram inibidos, quase apáticos, demonstrando um elevado grau de indiferença pelas actividades das aulas, descobrirem a verdadeira importância de uma aula

prática como a de Educação Musical. Estes alunos, sobretudo da turma do 6º ano, mantinham agora uma postura totalmente diferente. Relativamente aos alunos do 5º ano também se verificou uma significativa melhoria ao nível da motivação, pois participam nas actividades de forma mais activa e preocupam-se em obter bons resultados. A turma do 3º ano, só pelo facto de ter participado conjuntamente com os colegas mais velhos, sentiu-se ainda mais motivada.

## 6 - Conclusão

Alterar comportamentos é um processo difícil e moroso e motivar os alunos para a aprendizagem, é obrigação do professor. O comportamento indesejável e a desmotivação são duas das grandes dificuldades com que os professores se deparam actualmente, ao longo das suas actividades lectivas. Esta investigação-acção pretendeu experimentar mais uma estratégia para as contornar e se possível modificar os comportamentos desajustados nas aulas. Cada professor deverá encontrar junto dos seus alunos as estratégias que melhor se adequem às suas turmas.

No entanto, na cultura portuguesa, a implementação de estratégias que visem a colaboração e a cooperação, estão mais viradas para os trabalhos de grupo que se fazem pontualmente nesta ou naquela disciplina ou área disciplinar não curricular. Não são regularmente implementadas actividades deste género ao longo das actividades lectivas. Apesar de tudo, os resultados obtidos por este trabalho, demonstram pertinente a utilização deste tipo de estratégias uma vez que as mesmas favorecem igualmente o desenvolvimento da maturidade e da responsabilidade, o que contribui para o crescimento dos alunos como futuros adultos e cidadãos responsáveis. O facto de depositar nos alunos a responsabilidade da aprendizagem e o comprometimento destes no trabalho do grupo em que estão inseridos, proporciona ao professor a possibilidade de desenvolver um trabalho mais individualizado junto dos que mais necessitam de apoio e, os outros, por seu lado, treinam as suas competências ao nível da liderança, canalizando-as para a ajuda aos colegas e na coordenação de esforços no sentido de ajudar à organização das actividades da sala de aula.

Os alunos com menor espírito de equipa ou com baixa auto-estima, descobrem nestas actividades a possibilidade de também colaborarem com algo positivo e significativo. O facto de conseguirem participar e a sua contribuição ter um peso igualmente importante à dos colegas, contribui para que não se sintam inferiorizados nas suas capacidades cognitivas, relativamente aos outros.

Como conclusão final deverá dizer-se que, apesar da prática ter sido fruto de um estudo exaustivo de alguns teóricos que estudaram estas metodologias, os alunos são diferentes de escola para escola, de localidade para localidade. Sem esquecer as condições sociais em que vivem, as suas expectativas de futuro e as dos seus encarregados de educação, este conjunto de técnicas baseadas na aprendizagem através da cooperação e colaboração poderão ser sempre consideradas bastante pertinentes porque são, para além de um método cientificamente comprovado de ensino/aprendizagem, também um excelente meio para

desenvolver o ser humano através do respeito pelo próximo, quando aprende a escutar e aceita as opiniões alheias, quando ajuda aqueles que demonstram dificuldades de integração no grupo e até mesmo na própria escola. A turma, tornando-se um grupo coeso, compromete-se relativamente à aprendizagem e ao sucesso e o espírito de colaboração desenvolve-se espontaneamente.

## Bibliografia Geral

- ABREU, Manuel Viegas - **Cinco Ensaios sobre Motivação**. 2ªed. Coimbra: Almedina, 2002. ISBN 978-972-4016-74-0.
  
- AGUADO, Maria José Diaz - **Educação Intercultural e Aprendizagem Cooperativa**. Porto: Porto Editora, 2000. ISBN 972-034-1653.
  
- ARENDS, Richard I. - **Aprender a Ensinar**. Lisboa: McGraw-Hill, 1995. ISBN 972-9241-75-9.
  
- BELL, J. - **Como Realizar um Projecto de Investigação: um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação**. Lisboa: Ed.Gradiva, 1997. ISBN 978-872-66-25247.
  
- BERBAUM, Jean - **Aprendizagem e Formação. Colecção Ciências da Educação**. Porto: Porto Editora, ISSN 972 034 105X.3. Vol.5, (1993).
  
- BESSA, Nuno; FONTAINE, Anne Marie - **A aprendizagem cooperativa numa pos-modernidade crítica**. [Em linha]. 2002, [Consult.1Maio 2010]  
Disponível em  
[www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc//ESC18/18-7.pdf](http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc//ESC18/18-7.pdf)  
ISSN: 0872-7643.
  
- BOGDEN, Robert; BIKLEN, Sari - **Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à Teoria e aos Métodos**. Porto: Porto Editora, 1994. ISBN 978-972-0-34112-9.
  
- CARNEIRO, Isabel; FERREIRA, Odete - **Música Viva - Educação Musical**. 1ªed. Lisboa: Lisboa Editora, 2004. ISBN 972-680-555-4.

– COUTINHO, Clara - A investigação em meios de ensino: expectativas e resultados [Em linha]. Universidade do Minho. **Revista Portuguesa de Educação**, 2009 [Consult. 22Fev.2010]

Disponível em

<http://www.scielo.oces.mctes.pt>

ISSN 0871-9187

– \_\_\_\_\_, Metodologia preferencial nas práticas educativas: métodos de Investigação-Ação [Em linha] Universidade do Minho, **Revista Portuguesa de Educação**, 2009. [Consult.14 Set.2010]

Disponível em

<http://hdl.handle.net/1822/6499>,

ISSN 0874-2391

- FINO, Carlos Nogueira - **Convergência entre a teoria de Vygotsky e o Construtivismo/Construcionismo** [Em linha]. Madeira, 2004. [Consult.24Jan.2010]

Disponível em

[www3.uma.pt/carlosfino/Documentos/Draft\\_convergencia\\_Vygotsky\\_construtivismo](http://www3.uma.pt/carlosfino/Documentos/Draft_convergencia_Vygotsky_construtivismo)

- GAINZA, Violeta Hemsy – **Estudo de Psicopedagogia Musical**. 3ªed. São Paulo: Summus Editorial. 1982. ISBN 853-230-3188.

- GALVÃO, Cecília [et.al] - **Avaliação de Competências em Ciências**. 1ªed. Junho. Lisboa: Edições ASA, 2006. ISBN 978-972-414-705-5.

- GOMEZ, Maria Teresa; MIR, Victoria, SERRATS; Maria Garcia - **Como criar Uma Boa Relação Pedagógica**. 1ªed. Lisboa: Edições ASA, 1993.

- JESUS, Saul Neves - **Estratégias Para Motivar os Alunos**. nº1. [Em linha]. Rio Grande do Sul: Educação, 2008. [Consult. 10 Jan.2010]

Disponível em

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/ojs/index.php/faced/article/viewFile/2753/2101>

ISSN 0101-465X

- LAFORTUNE, Louise; SAINT-PIERRE, Lis. - **A Afectividade e a Metacognição na Sala de Aula**. 1ªEd. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, Lés Editions Logiques Inc., Instituto Piaget, 1996. ISBN-10: 9727714099

- QUIVY, R. CAMPENHOUDT, L. - **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Ed Gradiva, 2007. ISBN 972-662-275-1.

- RESENDES, Lúcia; SOARES, Júlia - **Diferenciação Pedagógica**. 1ªed. Lisboa: Universidade Aberta, 2002. ISBN 972-674-369-9.

- RIBEIRO, Celeste Maria Cardoso. **Aprendizagem cooperativa na sala de aula: uma estratégia** [Em linha]. 2006. [Consult.2 Março 2010].

Disponível em

<http://hdl.handle.net/10348/35>

- SILVA, Sofia - Aprendizagem colaborativa: uma proposta ao serviço de uma aprendizagem profunda. **Pedagogia no Ensino Superior – Estilo de Aprendizagem e Ensino**. Coimbra: Escola Superior de Educação de Coimbra. ISSN 1647 – 032X . Nº3 (2008).

- SOUSA, Alberto B. - **Educação pela Arte e Artes na Educação**. 1ºVol. Lisboa: Horizontes Pedagógicos. 2003.

- SPRINTHALL, Norman & Richard - **Psicologia Educacional, uma Abordagem Desenvolvimentista**. Lisboa: Editora McGraw-Hill, 1993. ISBN-972-9241-37-6.

- SILVA, Abel Raimundo - **Oficinas de performance musical uma metodologia interdisciplinar para uma abordagem complexa de performance musical** [Em linha]. 4ªed. 2008. [Consult. 2Março. 2010]

Disponível em

[www.fflch.usp.br/dl/simcam4/.../SIIMCAM4\\_Abel\\_Silva.pdf](http://www.fflch.usp.br/dl/simcam4/.../SIIMCAM4_Abel_Silva.pdf)

- SLAVIN, Robert E. - **Cooperative Learning** [Em linha]. 2ªed. 1995. [Consult.15 Abr.2010]

Disponível em

<http://college.cengage.com/education/pbl/tc/coop.html>

- VAZ Serra; [et al] - **Motivação e Aprendizagem**. 24 ed. Porto: Autores e Contraponto, 1986. ISBN 972-41-0528-8.

- VILELA, Cassiana Zamith - **Motivação para aprender música: o valor atribuído à aula de música no currículo escolar e em diferentes contextos** [Em linha] Porto Alegre, 2009. [Consult.10Jan.2010]

Disponível em

<http://hdl.handle.net/10183/18479>

- ZABALA, António, **A prática educativa – como ensinar** [Em linha]. [Consult. 12Ag.2010]

Disponível em

<http://hdl.handle.net/10348/35>

## **Anexos**

**Índice de anexos:**

Anexo 1 – Questionário aos alunos .....	3
Anexo 2 – Grelha de Avaliação .....	5
Anexo 3 – Programa e Cartaz de Natal .....	6
Anexo 4 – Fotos do Centenário .....	8
Anexo 5 – Fotos do final de ano .....	9
Anexo 6 – CD1: faixas instrumentais utilizadas nos módulos .....	11

**Anexo 1 – Questionário aos alunos**

**Questionário elaborado a alunos do \_\_\_\_º ano, em \_\_\_\_/\_\_\_\_/2010**

1 – Que nota atribuirias às aulas de Educação Musical do 2º período?

Coloca um círculo à volta do nível atribuído: **1 - 2 - 3 - 4 - 5**

2 – Relativamente às aulas do 1º período, consideras que as aulas foram interessantes?

Coloca um círculo à volta da tua opinião: **Mais - Mais ou menos - Menos**

3 – Apesar da música utilizada nas aulas não ir totalmente ao encontro do teu gosto musical, achas as actividades práticas propostas interessantes?

Coloca uma cruz (X) à frente da tua opinião:

**Todas são interessantes.** \_\_\_\_

**Algumas são interessantes e outras não.** \_\_\_\_

**Nenhuma é interessante.** \_\_\_\_

4 – Em conformidade com o que respondeste na questão anterior, assinala **duas** razões:

**Porque são novidade para mim.** \_\_\_\_

**Porque não gosto nada do tipo de música que se toca aqui na aula.** \_\_\_\_

**Apesar de não gostar muito da música, as aulas até são atractivas.** \_\_\_\_

**Poderia gostar mais das aulas se a música fosse mais actual.** \_\_\_\_

**Não gosto de ter de trazer material para as aulas.** \_\_\_\_

5 – Escolhe **uma** possibilidade para completar a seguinte frase:

Sabemos que tocar um instrumento não é fácil, mas...

**Quando já se conhece a música, é mais fácil. \_\_\_\_\_**

**Se aprendermos a ler as notas, conseguimos tocar qualquer instrumento. \_\_\_\_\_**

**Se fosse uma música que eu gostasse, faria um esforço e conseguiria. \_\_\_\_\_**

6 – Escreve o nome de **quatro ou cinco músicas** que gostavas de tocar nas aulas (ou cantores, se não souberes os nomes das músicas):

---

---

---

---



**Anexo 3 – Programa e Cartaz de Natal**

Departamento de Expressões  
Disciplina de Educação Musical  
(prof. Carmen Costa Braz)

**PROGRAMA DE NATAL 2009**

**1º CICLO**

**1º ano:**

A Rena Rodolfo (3 min)

**2º ano:**

Os Meus Presentinhos (2 min)

**3º ano:**

Feliz Natal (2 min)

Natal Africano (2,5 min)

**3º e 4º anos de Trav. Lagos:**

Alegria de Natal (2 min)

**Todo o 1º ciclo - 1º 2º 3º anos de Lagares e 3º e 4º anos de Travanca de Lagos:**

Pai Natal está a chegar (3 min)

## 2º CICLO

### 5ºA:

O Rap dos Reis Magos (3 min.)

O Pai Natal Vai Chegar (2,5 min)

### 5ºB:

Pinheirinho de Natal Estás Catita (2,5 min)

Menino Jesus do Céu (2 min)

### 6ºA:

Away In A Manger (2 min)

Natal (2 min)

Adeste Fideles (2 min)

## 2º ciclo - todos 5ºs e 6ºs:

A Todos um Bom Natal (3,5 min)

## Ordenação das actividades

2ª f, 14 horas: 1º ano e 2º ano

3ª f, 14 horas: 3º ano

4ª f, 14 horas: 5º ano, turmas A e B

5ª f, 14 horas: 6º ano

6ª f, 13.50 horas: 3º e 4º anos de Trav.Lagos

14 horas: Todo o 1º ciclo

14.10 h: Todo o 2º ciclo

Cartaz exposto na Escola:

*MOMENTOS*

*DE*

*NATAL*

*Os Momentos de Natal consistem numa curta apresentação de peças musicais, alusivas à quadra natalícia. Convidam-se os Encarregados de Educação a juntarem-se ao espírito de Natal!*

*Programa:*

*Dia 14, 2ª f.: 13.45 H. - 1º ano " A Rena Rodolfo "*

*2º ano " Os Meus Presentinhos "*

*Dia 15, 3ª f.: 13.45 H. - 3º ano " Feliz Natal "*

*" Natal Africano "*

*Dia 16, 4ª f.: 13.45 H. - 5A " O Rap dos Reis Magos "*

*" O Pai Natal Vai Chegar "*

*5B " Pinheirinho de Natal "*

*" Menino Jesus do Céu "*

*Dia 17, 5ª f.: 13.45 H. - 6º ano " Away in a Manger "*

*" Natal "*

*Localização: Junto às escadas do bloco principal*

#### Anexo 4 – Fotos do Centenário

#### Fotos da *performance* do Centenário



#### Anexo 5 – Fotos do final de ano

#### Fotos da *performance* do Final do Ano Lectivo





**Anexo 6 – CD 1: Faixas instrumentais utilizadas nos módulos**